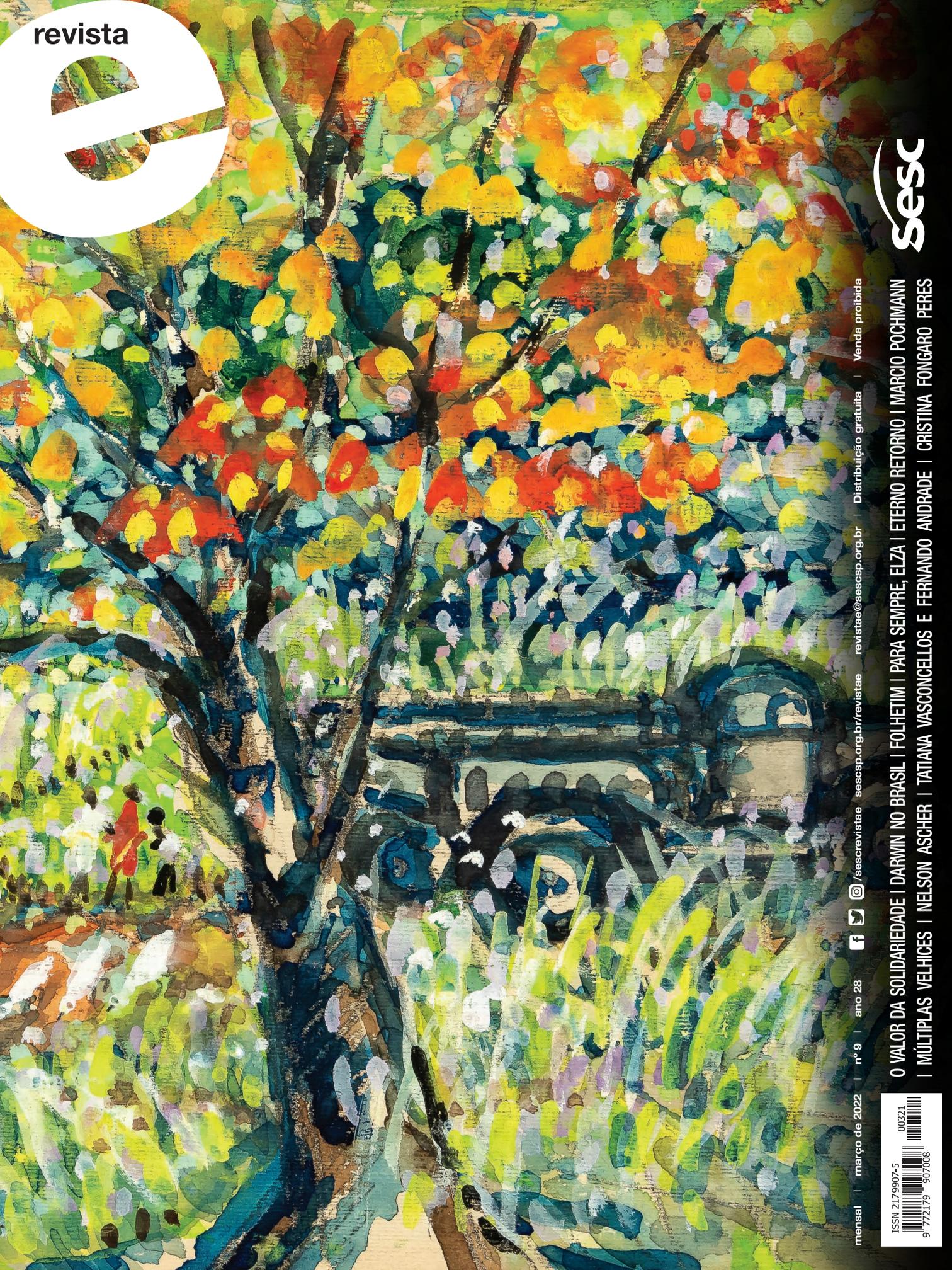


revista



mensal | março de 2022 | nº 9 | ano 28 | [Instagram](https://www.instagram.com/sescrevistae) | [Facebook](https://www.facebook.com/sescsp.org.br/revistae) | [sescsp.org.br/revistae](https://www.sescsp.org.br/revistae) | revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida

O VALOR DA SOLIDARIEDADE | DARWIN NO BRASIL | FOLHETIM | PARA SEMPRE, ELZA | ETERNO RETORNO | MARCIO POCHMANN
| MÚLTIPLAS VELHICES | NELSON ASCHER | TATIANA VASCONCELLOS E FERNANDO ANDRADE | CRISTINA FONGARO PERES



ISSN 2179907-5

00321

9 772179 907008

NÓS

criação, trabalho
e cidadania

**INICIATIVAS SOCIAIS VOLTADAS A
INCLUSÃO PRODUTIVA, GERAÇÃO DE
RENDA E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**

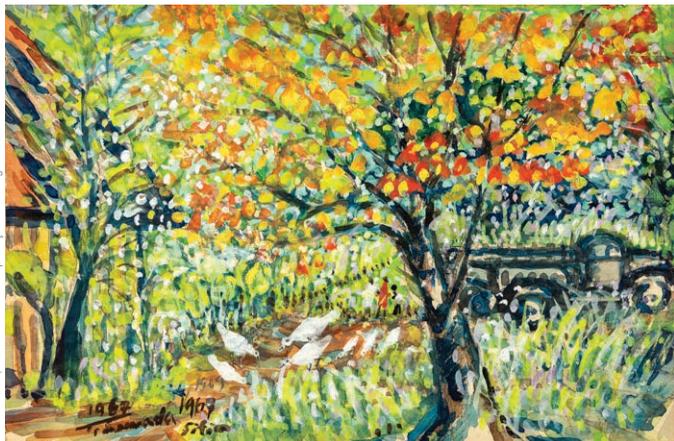


Mostras de produtos,
feiras, oficinas,
palestras e cursos em
design de produtos,
gestão de pequenos
negócios, educação
financeira e rodas de
troca de experiências

18 a 27
março
2022

EM DIVERSAS UNIDADES DO SESC
MAIS INFORMAÇÕES EM SESCSP.ORG.BR/NOS

Ona, Meu Sítio de Takeo Sawada. Reprodução: Paulo Miguel



A relação entre Brasil e Japão é antiga e permeia a cultura, a vida cotidiana e a história de diferentes lugares do nosso país. É o caso da região de Presidente Prudente, no oeste paulista, outrora destino da imigração de japoneses, como o artista Takeo Sawada (1917-2004), que ilustra a capa desta edição com uma de suas obras. A aquarela, intitulada *Meu sítio*, apresenta sua última propriedade rural, uma vívida vegetação com flores, pessoas, galinhas, seu pequeno caminhão e, em destaque, uma de suas paixões, o flamboiã – árvore plantada por ele – em plena floração. O fascínio por esse cenário retrata a intimidade do artista com a terra, a lavoura, ofício tão caro para Sawada quanto a pintura, que em sua trajetória serviu também como instrumento de educação. As várias facetas de Sawada inspiram o projeto *Infindável Viagem: Takeo Sawada - artista, educador*, realizado pelo Sesc Thermas de Presidente Prudente, que abarca, além da exposição *À sombra do flamboiã*, ações como formação de professores da rede pública; um documentário, realizado com o SescTV; intercâmbio artístico com o apoio da Fundação Japão; e oficinas de arte para crianças, como as que Takeo Sawada ministrou por aproximadamente três décadas na região de Presidente Prudente. Saiba mais: sescsp.org.br/prudente.

Bem-estar para todos

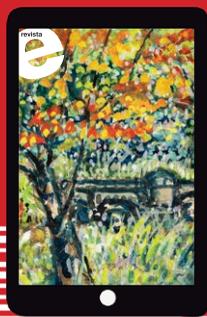
Foi numa iniciativa corajosa e arrojada que o empresariado do comércio, serviços e turismo criou, em 1946, o Sesc – Serviço Social do Comércio, para atuar na promoção do bem-estar dos trabalhadores do setor e de seus familiares, bem como de toda a comunidade, visto que, desde seu início, oferece uma vasta programação a toda a população, expandindo seu alcance para além de seu público prioritário. Assim, o pensamento e o planejamento de sua ação sempre esteve focada no bem comum, garantindo o crescimento pessoal e interpessoal, as trocas, aprendizados e o contato com diferentes saberes, expressões artísticas e práticas diversas nos mais diferentes campos de atuação.

Trata-se, portanto, de um projeto de caráter educativo e permanente, concretizado em programações nos campos do lazer, da cultura, dos esportes, da saúde e alimentação realizadas nos centros culturais e esportivos presentes em todo estado, além das variadas atividades ofertadas nos ambientes digitais. Além disso, destaca-se por seu trabalho de combate à fome por meio do Programa Mesa Brasil Sesc, que tanto tem contribuído neste desafiador período de pandemia. Mantém, deste modo, sua relevância no compromisso de promover qualidade de vida e participar ativamente do dia a dia de toda a sociedade.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional
do Sesc no Estado de São Paulo

Você também pode ler a Revista E
em tablets e smartphones



Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.



Download gratuito para Android e iOS

Somos um só

Os desafios da sociedade contemporânea trazem, consigo, a percepção de estarmos interconectados e, portanto, interdependentes. Algo que a filosofia já nos apontava com o conceito da alteridade. Do latim, *alteritas*, a concepção parte do pressuposto de que todo o ser humano social interage. A nossa identidade pessoal se constrói, deste modo, na relação com o outro e no reconhecimento e no respeito dessa singularidade de cada um. Trata-se de uma conexão que se dá, evidentemente, em diferentes graus e intensidades, em laços que nos unem e que nos mobilizam; às vezes, em escala planetária, a exemplo do que estamos vivendo há exatos dois anos, desde que a pandemia de Covid-19 foi decretada, trazendo consigo a urgência de ações solidárias.

A prática da alteridade nos leva também a mobilizações em escala regional, como mostram iniciativas nas cidades – e, em especial, nas periferias – para a valorização social e a geração de renda. São talentos que se somam para produzir e comercializar diferentes produtos e serviços, atendendo às necessidades do grupo e fazendo girar a economia, numa lógica de empreendedorismo cooperativo, social e solidário. Este é o tema de reportagem desta edição da **Revista E**, que fala da importância deste trabalho e mostra exemplos em São Paulo, que estarão, neste mês, em programações do Sesc, dentro do projeto *Nós: criação, trabalho e cidadania*. São ações que reafirmam que, no fundo, coexistimos no mesmo tempo e espaço, demarcando nossa própria identidade a partir da relação com o outro. Como nos ensina a sabedoria africana: Ubuntu! (que quer dizer “eu sou porque nós somos”). Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



Adriana Vichi

SUMÁRIO

Em ENTREVISTA, o economista MARCIO POCHMANN fala sobre a transformação dos modelos econômicos, tema de seu novo livro “O Neocolonialismo à espreita” **10**



Agência Ophelia

O VALOR DA SOLIDARIEDADE impulsiona iniciativas de empreendedores e coletivos de regiões periféricas da cidade de São Paulo **18**



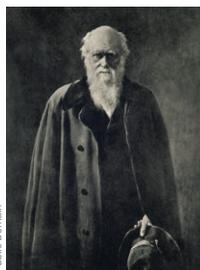
Elza, 2009. Documentário de Izabel Jaguaribe e Ernesto Baidaro/Divulgação

No PERFIL, uma homenagem a ELZA SOARES, artista que desafiou o tempo, o preconceito e a violência transformando a música brasileira **26**



Ilustração: Fábio Quil

Na GRÁFICA, o diálogo criativo de ilustradores para obras literárias inéditas no projeto FOLHETIM **34**



Photographe by J. Collier/Wellcome Collection/ Public Domain

Exposição no Sesc Interlagos convida público a navegar a bordo do navio com nome de cachorro de CHARLES DARWIN NO BRASIL **52**

| | |
|---|-----------|
| DOSSIÊ | 6 |
| EM PAUTA MÚLTIPLAS VELHICES | 58 |
| ENCONTROS TATIANA VASCONCELLOS E FERNANDO ANDRADE | 66 |
| DEPOIMENTO ONDINA CLAIS | 72 |
| INÉDITOS NELSON ASCHER | 76 |
| ALMANAQUE PAULISTANO | 80 |
| P.S. CRISTINA FONGARO PERES | 84 |

TUDES JUVENTUDES JUVE
ES JUVENTUDES JUVENTI
TUDES JUVENTUDES JUVE
NTUDES JUVENTUDES
TUDES JUVENTUDES JUVE

JUVENTUDES

em foco



**Engajamento social e outros
modos de organização.**

Encontros que propõem reflexões acerca do acolhimento das diversas juventudes, com assuntos voltados ao direito à existência, mobilização, redes de proteção e cuidado e acesso a saúde, educação e lazer.

março de 2022

Saiba mais em:
seccsp.org.br/juventudes_emfoco



Manejo da roça tradicional guarani, na Terra Indígena Tenondé Porã, no extremo sul de São Paulo (capital)

Foto: Luiza Calagian

NOVOS CAMINHOS PARA O TURISMO

PROJETO ITINERÁRIOS DE RESISTÊNCIA REFLETE SOBRE O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA COMO FERRAMENTA PARA DAR VISIBILIDADE A VISÕES DE MUNDO E MODOS DE VIDA

Um dos setores mais afetados pela pandemia de Covid-19 tem sido o turismo, e o modelo de base comunitária, que funciona em menor escala e de maneira descentralizada, sofre ainda mais as consequências do isolamento e da crise econômica nestes dois últimos anos. Pensando nisso, o Sesc São Paulo lança no dia 11 deste mês o projeto *Itinerários de Resistência*, que consiste em um conjunto de materiais como livretos virtuais, vídeos, textos e fotos que propõem reflexões sobre o tema, disponíveis na plataforma do Sesc Digital.

Este amplo material foi construído a partir de entrevistas com 62 lideranças comunitárias, pesquisadores, moradores e profissionais do turismo local que vivem em cinco regiões do estado (interior, capital, Baixada Santista, Vale do Ribeira e Litoral Sul, e Vale do Paraíba e Litoral Norte). “Nosso intuito foi jogar luz, no ambiente digital, sobre experiências de turismo desenvolvidas por 20 comunidades paulistas. O acervo do projeto inclui vídeos, músicas e outras publicações compiladas sobre as realidades desses homens e mulheres”, destaca Mayra Vergotti Ferrigno, assistente do Núcleo de Turismo Social do Sesc São Paulo.

Integra a programação ainda um debate sobre o tema, pelo Sesc Ideias, no dia 29/03, às 16h, no canal do [YouTube do Sesc São Paulo](#), com a participação de Benedito Alves da Silva, liderança comunitária do Quilombo Ivaporunduva, e Sueli Furlan, do departamento de Geografia da USP, sob mediação da jornalista Mônica Nóbrega. Dentre os temas abordados estarão o papel de resistir ao apagamento de povos e modos de vida tradicionais e a luta por territórios, direitos fundamentais da cidadania, patrimônios imateriais e pela conservação ambiental, para que o turismo de base comunitária se reinvente e continue existindo de forma equilibrada, centrado nas pessoas, nas relações humanas e nas interações com a natureza.

Para saber mais, acesse o sescsp.org.br/itinerariosderesistencia.

NOSSO INTUITO FOI JOGAR LUZ, NO AMBIENTE DIGITAL, SOBRE EXPERIÊNCIAS DE TURISMO DESENVOLVIDAS POR 20 COMUNIDADES PAULISTAS. O ACERVO DO PROJETO INCLUI VÍDEOS, MÚSICAS E OUTRAS PUBLICAÇÕES COMPILADAS SOBRE AS REALIDADES DESSES HOMENS E MULHERES

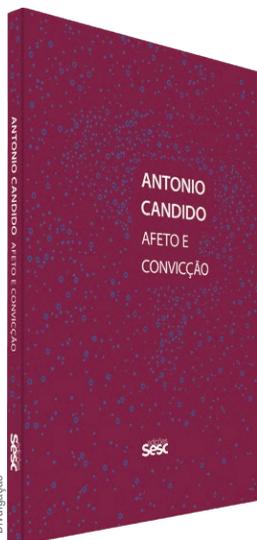
MAYRA VERGOTTI FERRIGNO, assistente do Núcleo de Turismo Social do Sesc São Paulo

CENTENÁRIO DO MODERNISMO

Integrando programação do Sesc *Diversos22*, pelo centenário da Semana de Arte Moderna, o SescTV exhibe no dia 22/03, às 21h, o documentário *22 em XXI* (Brasil, 2021), concebido e dirigido por Helio Goldsztejn. A obra tem realização do canal e traz depoimentos de historiadores, sociólogos, filósofos e artistas como Caetano Veloso, Emicida, José Celso Martinez Correa, Maria Adelaide Amaral e Ruy Castro, que conversam e refletem sobre o modernismo e o que permanece dele no país. Disponível sob demanda a partir de 22/03 em: sesc.tv.org.br. Já o Centro de Pesquisa e Formação do Sesc (CPF) oferece a atividade online *Moda e Modus na Semana de 22*, com o professor e pesquisador Brunno Almeida Maia, entre 9/03 e 13/04 (quartas), das 19h às 21h, e o curso presencial *Modernismo – As músicas dos anos 20 em Paris, Berlim e Nova York*, com o jornalista e crítico musical João Marcos Coelho, nos dias 22/03, 29/03 e 5/04 (terças), das 15h às 17h. Inscrições e mais informações em: sescsp.org.br/diversos22.



José Celso Martinez em cena do documentário “22 em XXI” (Brasil, 2021), na programação do SescTV



LEGADO EM LIVRO

Lançamento das Edições Sesc São Paulo, *Antonio Candido: Afeto e Convicção* (2022) reverencia a memória e o legado do sociólogo, crítico literário e professor universitário, em textos de familiares, amigos, pesquisadores, escritores e educadores, permitindo evidenciar sua personalidade generosa e sua vasta trajetória como pensador da complexa sociedade brasileira. A coletânea é organizada em três partes (*O Homem, O Intelectual e O Professor*) e resulta de um seminário realizado em 2018 pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc (CPF), em parceria com a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) e com o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), ambos da Universidade de São Paulo (USP). Saiba mais em: portal.sescsp.org.br/online/edicoes-sesc.



Cena da animação *Luminaris* (2021)

AMÉRICA LATINA ANIMADA

O SescTV estreia seis novos curtas latino-americanos de animação em março, dentro da faixa *+Curtas*. Vindas de países como Argentina, Costa Rica, Chile e Cuba, as produções reúnem histórias de amor e fantasia, reflexões sobre a sociedade, o trabalho e sonhos de cada personagem. O argentino *Luminaris* (Dir. Juan Pablo Zaramella, 2011) é uma das novidades da programação e está no *Livro dos Recordes* como o curta-metragem de animação mais laureado do mundo, com 324 prêmios. A estreia no canal será no dia 24/03, às 22h. Assista a esta e outras animações em: sesc.tv.org.br/animacao.



Divulgação

Com abertura em 29 de março no Sesc Avenida Paulista, a exposição-manifesto *Cartas ao Mundo*, da diretora e artista multimídia Bia Lessa, apresenta movimentos coreografados diante dos visitantes, tendo como base a obra do cineasta Glauber Rocha (1939-1981) e as ideias de distopia, utopia, crise social e ambiental. Dividida em três capítulos audiovisuais (*Asfixia*, *Mercadoria* e *O Comum*), a exposição conta com a colaboração de Ailton Krenak, Guilherme Wisnik, Vítor Garcez, Flora Süssekind e mais de 80 artistas que cederam imagens de suas obras. Na imagem registro de obra do capítulo *Mercadoria*.

Visite: sescsp.org.br/unidades/avenida-paulista.

GRANDES PEÇAS SOB DEMANDA

O Centro de Pesquisa Teatral Sesc (CPT_SESC) criou um projeto para resgate dos principais espetáculos e trabalhos do grupo. Um dos destaques é *Blanche*, peça dirigida por Antunes Filho (1929-2019) em 2016 e adaptada de uma das mais célebres obras da dramaturgia norte-americana: *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams. A montagem é toda falada em fonemol, uma língua inventada pelo diretor do CPT com base na sonoridade do idioma russo. Antunes Filho a utilizou pela primeira vez em 1991, na estreia de *Nova Velha Estória*, inspirada no conto de *Chapeuzinho Vermelho*. Protagonizada por Marcos de Andrade, *Blanche* trata de uma sociedade decadente. Confira: sesc.digital/conteudo/teatro/41926/blanche.



Evilson de Freitas

Foto: Adriana Vichi



MUDANÇA DE ÉPOCA

EM NOVO LIVRO, O ECONOMISTA MARCIO POCHMANN REFLETE SOBRE
TRANSFORMAÇÕES DOS MODELOS ECONÔMICOS NAS ÚLTIMAS DÉCADAS
QUE COLOCAM EM XEQUE PRESENTE E FUTURO DA SOCIEDADE

Existia a ideia de que o tempo sobraria, de que horas e dias seriam subtraídos da atividade laboral e deslocados para o lazer e ócio criativo. Quer dizer, essa era a promessa esboçada pela revolução tecnológica no final do século 20. No entanto, o que de fato se constatou foi uma crescente e abissal desigualdade social e econômica da população, a queda livre de ofertas de emprego, a precarização do trabalho, a institucionalização do *home office* e o desmonte dos direitos trabalhistas. “O novo mundo virtual, cuja desigualdade é agigantada, estabelecerá o formato avatar de atuação econômica, social, política e cultural. ‘Nós vivemos uma mudança de época’: essa colocação mostra o quanto o nosso tempo está marcado por grandes e profundas transformações. Segundo muitos especialistas, estamos vivendo uma mudança de era”, assinala o economista e pesquisador Marcio Pochmann. Em *O neocolonialismo à espreita – Mudanças estruturais na sociedade brasileira*, publicado neste mês pelas Edições Sesc São Paulo, Pochmann delinea esse cenário e propõe uma análise dos modelos econômicos que atravessam a história do país desde a era industrial à era digital. Professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade Federal do ABC (UFABC), e autor de dezenas de livros sobre Economia, entre alguns *Nova classe média: O trabalho na base da pirâmide social brasileira* (Boitempo, 2012) e *A década dos mitos* (Contexto, 2002), premiado na 63ª edição do Prêmio Jabuti, nesta *Entrevista*, Pochmann ainda faz um alerta: “Nos cabe lutar pelo descancelamento do futuro”.

Você inicia o livro dizendo que estamos vivendo uma mudança de época. Quais são as características principais que definem esse conceito e como elas podem ser percebidas no Brasil e no mundo?

Estamos diante de uma profunda mudança de época, diferentemente da época de mudanças vivida por nossos avós ou pais. A alteração no modo de vida e trabalho atual não decorrem de revolução industrial propriamente dita. Os bens manufaturados, embora sejam mais sofisticados, seguem sendo praticamente os mesmos ofertados desde o século passado. A mudança de época atual transcorre pela força de inédito vigor da revolução tecnológica informacional, que concentra o modo de produzir e de viver na unidade do processador computacional. Do avião à máquina de lavar, praticamente tudo, para funcionar, depende de processador computacional, capaz de transformar em dados adequados novos modelos de negócio e de relacionamentos humanos. Na primeira fase de revolução informacional, no final do século passado, passamos a inserir na internet a lista de contatos telefônicos, agenda de atividades, roteiros de deslocamentos, decisões de compras, movimentações financeiras de pagamentos e recebimentos, fotos, vídeos, relacionamentos profissionais, pessoais e familiares etc. No âmbito dos negócios e do sistema produtivo não foi diferente. Em síntese, a internet se conformou como unidade pela qual a forma de vida e de produção se converteram em dados que, armazenados, sistematizados, processados e monitorados passaram a ser conduzidos por algoritmos. Nesta década de 2020, avança a segunda fase da revolução informacional, indicando o desaparecimento de dinheiro, bancos, mídia, entre outras características da época industrial vivida por nossos avós e pais. Assistiremos, possivelmente nesta época digital, à integração e à internalização do modo de produção na internet. O novo mundo virtual, cuja desigualdade é agigantada, estabelecerá o formato avatar de atuação econômica, social, política e

ESTAMOS DIANTE
DE UMA PROFUNDA
MUDANÇA DE ÉPOCA,
DIFERENTEMENTE DA
ÉPOCA DE MUDANÇAS
VIVIDA POR NOSSOS
AVÓS OU PAIS

cultural. “Nós vivemos uma mudança de época”: essa colocação mostra o quanto o nosso tempo está marcado por grandes e profundas transformações. Segundo muitos especialistas, estamos vivendo uma mudança de era.

Mas, afinal, quais são as maiores tendências que representam o nosso tempo e impactam no comportamento do consumidor brasileiro?

Um dos principais aspectos associados à passagem da Era Industrial para a Digital provém da relação da vida humana com o trabalho. O reconhecimento do trabalho na Era Industrial era fundamentalmente realizado fora de casa, denominado por trabalho de produção, distinguindo-se do trabalho de reprodução exercido em casa, doméstico e cuidados. Ao longo do século 20, as lutas da classe trabalhadora organizada por associações, sindicatos e partidos políticos permitiram que governos reconhecessem nessa atividade humana de produção exercida em lugar determinado, a fonte de identidade e pertencimento coletiva, protagonizando formas inéditas de proteção trabalhista e de bem-estar social. O projeto de sociedade do trabalho assalariado procurou conferir unidade mínima de remuneração e direitos, limitando o grau de exploração laboral, com a representação sindical e política atuando na divisão dos significativos ganhos patronais apontados pelos avanços da produtividade laboral. Tudo isso muito distinto da Era Agrária, quando o trabalho se estendia da reprodução humana no interior da casa para as demais atividades vinculadas à estrearria, à lavoura, entre outras atividades que capturavam cerca de 4/5 do tempo de vida humano. Na Era Industrial, o trabalho pela sobrevivência, evidenciado pelas atividades realizadas fora de casa na obtenção de rendimento, declinou para 2/5 do tempo de vida

urbano. Atualmente, a Era Digital vem turvando a antiga divisão entre trabalho em casa (reprodução) e fora de casa (produção). Com a digitalização da produção, o trabalho e a sociedade se modificam profundamente, reduzindo a necessidade de intensos deslocamentos físicos (casa, trabalho, escola, compras, entretenimento, relacionamentos etc.), o que muda substancialmente o modo de vida urbano. Além disso, a antiga relação salarial parece se dissolver pelas novas formas de exercício do trabalho, transmutando-se em relação débito-crédito.

O que significa essa relação débito-crédito?

Todos temos um custo (débito) para viver, individual ou familiarmente, o que nos faz mover continuamente em busca recorrente do rendimento (crédito) para financiá-lo através da realização de qualquer trabalho, legal ou ilegal, desde que resulte em crédito monetizado. Com a desregulação neoliberal, difundiu-se a multiplicidade e simultaneidade do exercício dos chamados trabalhos em geral (motorista, segurança, entregador etc.) que, ademais de moerem as tradicionais categorias profissionais, não oferecem identidade e pertencimento. Assim, o trabalho fora de casa, tradicionalmente organizado pelo emprego assalariado, vem sendo corroído, substituído por atividades laborais de qualquer natureza, cada vez mais vinculadas à internet, a moldar o avanço da relação débito-crédito, sem representação e organização coletiva. Sinal disso tem sido o impacto nas instituições convencionais de representação de interesses coletivos. O descrédito nos partidos políticos e a perda de filiados em sindicatos e associações de moradores e de estudantes, entre outras, parece evidente, pois se caracterizam por serem entidades de atuação específicas a quem é eleitor, empregado com carteira assinada, morador, estudante. É nesse contexto perturbador do despertamento e desidentidade que o fanatismo religioso e o banditismo social encontram terreno fértil para avançar. Ao oferecerem espaços e formatos próprios de pertencimento e de identificação, contaminam massas humanas desconectadas com o incerto horizonte da mudança atual de época.

Por meio de dados quantitativos, você demonstra que vivemos, desde a década de 1990, um processo de desindustrialização precoce, que se percebe pela queda das ocupações na agropecuária e dos postos de trabalho na manufatura. Quais impactos essa desindustrialização tem causado na população brasileira e como isso afeta a nossa soberania frente a outros países que mantêm uma indústria forte?

Sem que ainda tivesse se completado enquanto sociedade industrial, pois registrava parcela significativa da população excluída do acesso pleno ao emprego decente e ao consumo dos bens e serviços da produção manufatureira, o Brasil se desviou do projeto tenentista perseguido desde a Revolução de 1930. O ingresso equivocado, pois passivo e subordinado, na globalização desde 1990 encerrou o ciclo da industrialização nacional, impondo a decadência da sociedade industrial existente e o cancelamento do futuro da nação. Desde então, a política que assumia a nobre função de procurar trazer para o presente o horizonte de expectativas futuras foi rebaixada à mera gestão das emergências. Assim, governos se transformaram em pronto-socorro a tratar das urgências, cuja expectativa dominada pelo curtíssimo prazo apontava, no máximo, para a postergação da barbárie. Numa espécie de compra do tempo da “espera por milagres”, o país empacou. A decadência se generalizou. Dos 3,2% do PIB mundial que o Brasil representava nos anos de 1980, declinou para 1,5% do PIB mundial nos dias de hoje. Do sistema produtivo complexo, articulado e integrado, e capaz de exportar desde bens manufaturados e automóveis a computadores e centrais telefônicas, e ocupar cerca de 3% da mão de obra industrial do mundo, o país regrediu. Mais de três décadas depois, a ruína da estrutura produtiva desarticulada e empobrecida indica ocupar apenas 1% da força de trabalho em manufatura mundial, dependendo da nova versão do extrativismo mineral e vegetal. O desmonte do operariado industrial e das classes média assalariada e proprietária permitiu a geração de inédita massa de população sobrando, os inorgânicos do capitalismo atual no Brasil. Até o charme da mobilidade social ascendente desapareceu, impedindo que os pais consigam projetar nos seus próprios filhos um padrão de vida e trabalho melhor que os seus.

E nos dias de hoje?

Tal como na passagem do século 19 para o 20, o Brasil se assume atualmente enquanto praça de consumo diversa e dependente da importação de bens e serviços manufaturados e, sobretudo, digitais. Detendo a sexta maior população e o 13º PIB do mundo, o país responde pelo quarto maior mercado consumidor de bens e serviços digitais do planeta, que não produz internamente. Com isso, trata de financiar o consumismo interno, cada vez mais elitizado, através da produção e exportação de produtos primários, as commodities, cujos preços e quantidades são definidas externamente. O retorno à sociedade extrativista que, à espreita do neocolonialismo, aprofunda a ultrapassada visão de que a natureza seria um recurso de uso infinito. Repetem-se os erros do passado, do comércio desigual a transferir riqueza interna para o exterior, intrínseca, por exemplo, na troca de grande escala da exportação de minério por alguns chips de computadores. Isso, sem comentar, a ausência de soberania nacional nas comunicações e informações internas que se avolumam ao serem realizadas totalmente pelo oligopólio das *big techs* estrangeiras. Essas empresas privadas detêm atualmente mais informações sobre o Brasil que o próprio IBGE e os poderes da República.

Como efeito da desindustrialização, entidades de representação como sindicatos, partidos políticos e associações de classe em geral vêm sendo substituídas por novas formas de organização, como associações de bairro e comunitárias, ONGs, entidades assistenciais, fóruns e outros espaços de agregação. Pensando ainda nas atuais formas de comunicação e sociabilidade por meios virtuais, você acredita que as pautas coletivas tendem a ser esvaziadas ou potencializadas?

Os novos sujeitos sociais aguardam – já por certo tempo – instituições que possam constituir identidade e pertencimento coletivos, perdidos na passagem para a nova Era Digital. Embora continuem a existir, as organizações oriundas da Era Industrial se assemelham a mortos insepultos, cuja essência do descrédito segue ocultada pelo manto da aparência de que o conservadorismo atual possa continuar a oferecer a defesa dos interesses da ordem. Há um cheiro de queimado no ar. O que é que vem por aí diante da inegável frustração histórica às massas inorgânicas? A percepção antissistema se pronuncia há mais de três décadas

ATRAVÉS DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÕES E COMUNICAÇÃO PASSAMOS A ESTAR PLUGADOS NO TRABALHO “24 HORAS POR DIA”

de domínio da visão de mundo que o neoliberalismo configurou, sem jamais entregar o que prometeu aos brasileiros. A autópsia dos movimentos da sociedade no Brasil indica haver ondas de protestos e contenção, como nas manifestações da década de 1980 pela redemocratização política e os protestos contra a tungada econômica da inflação nos anos 1990. Neste século, o começo da rebeldia das corporações no interior do setor público até chegar na explosão repulsiva ao sistema atual na década passada a consolidar a política em gestão tanto dos negócios financeiros que valoriza o estoque da riqueza velha do “andar de cima”, quanto das emergências mais fundamentais de sobrevivência do “andar de baixo”. Até parece algo que se assemelha ao filme *O Poço* (Dir. Galder Gaztelu-Urrutia, Espanha, 2019), que retrata o imaginativo futuro distópico de uma cadeia vertical a atender desigualmente os seus residentes nos andares da desigualdade social, sendo beneficiados aqueles segmentos situados nos andares de cima.

Ainda no livro *O neocolonialismo à espreita*, você explica como a macropolítica implica esse impacto na vida dos trabalhadores, na precarização, na uberização, no desemprego, na retirada de direitos etc., na institucionalização do *home office*. Como ajustar esse novo compasso do trabalho às leis trabalhistas?

Urge no Brasil, ademais da necessária reversão das “deformas” trabalhista de Temer e previdenciária de Bolsonaro, a construção democrática da nova Carta Nacional do Trabalho, que atualizaria a CLT contemporânea do trabalho em plena Era Digital. Isso porque a destruição dos antigos sujeitos da sociedade urbana e industrial acontece simultaneamente à recomposição da classe trabalhadora desagregada da tradicional relação salarial e, por consequência, dos direitos sociais e trabalhistas. Entre a abolição da escravatura, no final da década de 1880, e a eleição presidencial de 1989, a relação salarial despontou como o principal mecanismo de transformação da antiga massa inorgânica herdada do agrarismo em proletariado urbano associada, sobretudo a partir da década de 1930, com o acesso à carteira de trabalho enquanto passaporte à cidadania regulada.

Contudo, desde os anos 1990, assiste-se à marcha da desproletarização no interior do mundo do trabalho, cuja relação débito-crédito se fortalece em plena condição de consumidor que o país assume na Era Digital. Em grande medida, a intermediação das plataformas digitais atende atualmente desde os serviços profissionais (psicólogos, *coach*, telemedicina, cursos remotos, entre outros), os especializados (vendedor, entregador, *youtuber*, *influencer* e outros) e os simplificados (microtarefas variadas). De forma dispersa geograficamente, o labor na Era Digital tem sido externalizado através da disponibilização da contratação de multidões de trabalhadores disponíveis (*crowdwork*), sem que horário e lugar sejam determinados previamente, permitindo crescentemente a sua realização em casa (teletrabalho). Sem regulação, a intensificação do trabalho tem sido brutal, pois lastreada em aplicativos decorrentes do curso da revolução informacional que aproxima o labor, muitas vezes, ao já muito existente, não fossem as novas ferramentas da digitalização. A partir da renovada carta nacional do trabalho, o resgate da centralidade do labor deve fundamentar a retomada da agenda soberana do desenvolvimento nacional em bases sustentáveis ambiental e socialmente.

Novos pactos econômicos estão sendo discutidos no contexto atual por alguns pensadores, como *New Green Deal* (a tal Economia Verde) e Economia Circular. Qual sua opinião a respeito deles?

Desde a década de 1970, os limites do progresso estabelecido pelo projeto de modernidade ocidental se encontram explicitados. Impossível prosseguir com a mesma orientação do desenvolvimento humano apartado da natureza, que segue vista predominantemente como um recurso inesgotável. Não obstante os inegáveis avanços alcançados pela diversidade de ações governamentais, privadas e da sociedade civil nas últimas cinco décadas, são visíveis as suas insuficiências, pois seguem prisioneiras, em geral, da hipótese heroica de que a mudança tecnológica arrefece o conteúdo destrutivo do modo de produção e acumulação de riqueza dominante. O resultado disso parece inegável. Conferências, relatórios, acordos e políticas governamentais variadas proliferaram sem

que a humanidade deixasse de prosseguir na marcha da insensatez, degradando incondicionalmente o planeta. A “queda do céu” na sábia versão Yanomami do desastre que significou a imposição do modelo de sociedade trazida do ocidente aos povos originários da ameríndia há 500 anos parece agora se apresentar a nós mesmos, signatários dos povos das mercadorias, a produzir sem limites aos distintos biomas. A aceleração do Antropoceno [*era geológica marcada pela ação humana; antropo = do grego, humano do grego + ceno = do grego, recente*] aponta para o novo regime climático, cuja presença de crises virais parece resultar dos efeitos em cadeia da alteração profunda na composição do carbono na atmosfera, na elevação da temperatura, no derretimento das geleiras, no aumento do nível do mar, entre outros. Só uma mudança radical na forma de viver, produzir e distribuir pode, talvez, barrar o que veio sendo engendrado nos últimos séculos de modernidade ocidental assentado no progresso a qualquer custo. Ainda há tempo para a contra intervenção humana, mas haverá consciência e vontade política suficiente para interromper a atual marcha da insensatez?

Ainda no século 20, com o avanço das novas tecnologias, acreditamos que estas iriam nos trazer mais tempo livre. Havia até a preocupação de como lidar com o ócio criativo, com o tempo dedicado ao lazer. Imaginamos que novas tecnologias tirariam “a parte pesada” do trabalho, mas isso não aconteceu. Pulamos essa etapa ou era uma ingenuidade achar que as tecnologias viriam para trazer qualidade de vida e menos tempo de trabalho?

A compreensão, em geral, construída a partir do final do século passado de que estaríamos diante da época de mudanças levou à formação de duas extremadas visões dominantes que acabaram se mostrando retumbantes equívocos. De um lado, a hipótese da sociedade pós-industrial geradora do ócio criativo a sustentar perspectiva de vida superior, com menos trabalho e mais bem-estar social; e, de outro, a hipótese do fim do trabalho destruidor de ocupações e protagonista de gigantesco desemprego relacionado ao avanço da inteligência artificial e da robotização plena.



Foto: Adriana Vichi

Acontece que, até hoje, a sociedade de serviços que acabou dando lugar ao vácuo deixado pela desindustrialização nos países do norte ocidental do planeta tem sido produtora e reprodutora da precarização generalizada do mundo do trabalho. Não obstante o salto tecnológico, o neoliberalismo dominante valida a desorganização do Estado de bem-estar social, a perda de direitos trabalhistas e a volta da pauperização. Da mesma forma, os países que atualmente mais conseguiram avançar tecnologicamente têm sido justamente aqueles que menos detêm desemprego aberto em grande escala. Isso não significa que não registrem problemas sérios no mundo do trabalho. Em síntese, a desigualdade se aprofundou com a polarização crescente entre ricos e pobres diante do esgarçamento do operariado industrial e da classe média assalariada. O equívoco cometido nas duas principais visões decorre da incompreensão de que não se trata de uma época de mudanças, mas, justamente, de uma mudança de época. Por isso, o passado pouco tem a ensinar. Não se trata de revolução industrial, como ocorreu por duas vezes no passado, quando o avanço da mecanização destruiu empregos em larga escala. No passado, a imigração internacional permitiu aos países que se industrializaram no século 19 exportarem os seus desempregados ao “mundo

OS PAÍSES QUE ATUALMENTE
MAIS CONSEGUIRAM AVANÇAR
TECNOLOGICAMENTE TÊM SIDO
JUSTAMENTE AQUELES QUE
MENOS DETÊM DESEMPREGO
ABERTO EM GRANDE ESCALA

novos”, enquanto a criação do Estado de bem-estar social no século 20 permitiu atacar o desemprego tanto pelo financiamento público da inatividade de doentes, deficientes físicos e mentais, idosos, crianças e outros desassistidos, quanto pelo emprego público nas atividades universalizadas de educação, saúde, assistência e outras. Ao excluir Estados Unidos e Alemanha do conjunto dos países de capitalismo avançado, constata-se que os trinta anos após o segundo pós-guerra, caracterizado pelo pleno emprego, registrou o emprego privado praticamente estagnado. A revolução informacional que demarca a atual mudança de época reconfigura o trabalho em sua totalidade (produção e reprodução). Através das tecnologias de informações e comunicação passamos a estar plugados no trabalho “24 horas por dia”. Se há mais trabalho, há mais riqueza, que por não estar sendo politizada e, portanto redistribuída, não gera consciência de classe capaz de mover transformações necessárias para o novo futuro do presente.

O Brasil passou por um longo ciclo econômico nacional-desenvolvimentista, dos anos 1940 aos 1980, e depois embarcou no modelo neoliberal a partir da década de 1990. Posteriormente, passamos ao chamado capitalismo de Estado, que conciliava interesses do capital e políticas de bem-estar social. Com as novas crises do capital – econômicas, sociais, éticas –, velhos problemas que pareciam superados voltaram com força, entre eles a fome. Nesta terceira década do século 21, quais modelos econômicos seriam mais sustentáveis para que o Brasil consiga deixar de ser uma das sociedades mais desiguais do planeta?

O cancelamento do futuro a que estamos prisioneiros parece indicar o vácuo deixado pela ausência de utopia a nos movimentar e provocar saídas das trincheiras do conservadorismo, para não dizer reacionarismo dos dias de hoje. Como época de mudança, o Brasil atual revela situação histórica excepcional, somente comparável,

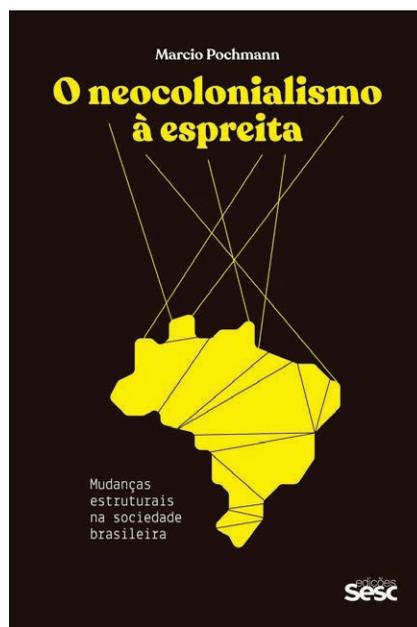
DIANTE DE TRÊS GRANDES DESAFIOS DO MUNDO ATUAL, O BRASIL SE ENCONTRA ENTRE OS PAÍSES COM MELHORES CONDIÇÕES DE ENFRENTÁ-LOS

guardada a devida proporção, às específicas décadas de 1880 e de 1930. Enquanto nos anos de 1880 o Brasil rompeu com a escravidão e o modelo político da monarquia para ingressar no modo de produção capitalista, inaugurando a sociedade de classes, o da década de 1930 marcou a passagem para a nova sociedade urbana e industrial. Tanto os abolicionistas como os tenentistas não conquistaram tudo o que defendiam. A correlação de forças definiu mudança de época contagiada por projetos de branqueamento da sociedade executados durante a República Velha (1889-1930) e de contração das reformas clássicas do capitalismo contemporâneo (agrária, tributária e social) entre os anos 1930 e 1980. Diante de três grandes desafios do mundo atual, o Brasil se encontra entre os países com melhores condições de enfrentá-los. Inicialmente, o desafio do deslocamento do centro dinâmico do mundo do Ocidente para o Oriente que abre excelente oportunidade de integração e reorganização sul-americana em torno da maior importância do oceano pacífico. Na sequência de desafios, o avanço do novo regime climático que torna central os biomas, sobretudo a Amazônia, para que o Brasil seja capaz de reconfigurar o seu passaporte para o seu inédito desenvolvimento no século 21. E, por fim, a Era Digital que ressignifica a questão da soberania, exigindo que o processo de digitalização seja planejado e coordenado pelo novo Estado Digital. Algo parecido transcorreu nas mudanças de épocas que resultaram no ingresso do capitalismo, ao final dos anos de 1880, com a criação do Estado mínimo liberal em substituição ao Estado absolutista e mercantil. E também na década de 1930, com a implantação do moderno Estado Industrial, quando se mostrou necessário

substituir o Estado mínimo para sustentar a passagem da sociedade agrária para a sociedade urbana e industrial.

Nesse exercício de projeção, como você vê o futuro do trabalho? Com otimismo?

Como a minha parceira tem sido a perspectiva histórica, entendo que o trabalho tem um futuro que se constrói diante de disputas e medidas de correlações de forças na definição do sentido da centralidade laboral na vida humana. Quanto mais tempo demorarmos em nos conscientizar de que estamos diante de uma mudança de época e que, portanto, nos cabe lutar pelo descancelamento do futuro, mais as forças do retrocesso tenderão a ampliar os seus espaços de poder para conservar o passado irrealizável, pois morto e insepulto. ■



O Neocolonialismo à espreita - Mudanças estruturais na sociedade brasileira
Edições Sesc São Paulo, 2022, 242 páginas
Saiba mais: <https://portal.sescsp.org.br/online/edicoes-sesc>



O VALOR DA SOLIDARIEDADE

INICIATIVAS NA CIDADE DE SÃO PAULO MOSTRAM A FORÇA
DE UMA ECONOMIA BASEADA NA COLETIVIDADE

Há vários ciclos na história da humanidade em que vemos ressurgir com mais força a solidariedade entre as pessoas tanto na forma de trabalho quanto na destinação dos resultados de seus empreendimentos. São formas coletivas de empreender em que os trabalhadores, trabalhadoras e consumidores compõem redes de cooperação, em que todos se unem. Conhecida pelo nome economia solidária, essa organização

vem se destacando principalmente em regiões de grande vulnerabilidade social no país. Diante de um cenário alarmante de desemprego – 12,4 milhões de brasileiros – iniciativas multiplicam-se nas periferias da cidade de São Paulo. São empreendimentos, feiras e outros negócios autogeridos e fortalecidos por um trabalho coletivo dentro da comunidade onde estão inseridos.

“A cada grande crise do capitalismo a economia solidária retorna como possibilidade de auto-organização dos trabalhadores”, aponta o professor do Instituto das Cidades da Universidade Federal de São Paulo Egeu Esteves, coordenador do programa Universidade Aberta à Economia Solidária - UAES-Unifesp. Mas o que é economia solidária? Segundo Esteves, o termo é relativamente recente e foi criado entre a década de 1980 e 1990. “Agora, o fenômeno que a economia solidária se reporta, que é a possibilidade de trabalhadores se unirem para montarem seus negócios, suas redes de comércio, suas atividades, autogerirem seu trabalho, isso remonta à Revolução Industrial, remonta aos cooperativistas do século 19 na Inglaterra”, explica.

Talvez, num sentido antropológico, complementa o especialista, a economia solidária remonte a muitas práticas de trabalho e de organização autônoma que sempre existiram na história da humanidade e que aparecem de formas variadas no Brasil, nos

continentes europeu e africano, por exemplo. O fato é que é urgente a necessidade de novas formas de organização de trabalho, ou de fortalecimento de formas já conhecidas, como consórcios e cooperativas, para enfrentar a atual crise econômica, precarização e uberização do trabalho [Leia Entrevista com o economista Marcio Pochmann nesta edição]. Algo que ainda é vendido pela publicidade em diferentes embalagens com o ideal “empresário de si”.

“Há toda uma argumentação do empreendedorismo que visa justificar que as pessoas são pobres porque elas não são empreendedoras; não têm trabalho porque não são empreendedoras. É uma forma de culpabilizar o próprio trabalhador pela falta de opção de trabalho, sendo que ele não tem dinheiro para investir. E quando tem, ele monta mais do mesmo – mais um salão de beleza, mais uma barraquinha de cachorro quente etc. Só que a economia solidária é um caminho para se juntar e fazer coisas maiores e mais bem estruturadas”, analisa Esteves.



Feira Coletivo Meninas de Mahin, na Zona Leste de São Paulo.

Agência Ophélia



Agência Ophelia

Uma das criadoras do Coletivo Meninas Mahin, Ednusa Ribeiro (primeira à direita, em pé) e equipe: coletivo realiza feira com empreendedoras no bairro de Itaquera, além de ser um espaço de capacitação e de gestão de negócios na prática.

CRIAR OPORTUNIDADES

Foi esse o pensamento da administradora Ednusa Ribeiro, uma das criadoras do Coletivo Meninas Mahin, em 2016, nome que homenageia Luiza Mahin, que era quituteira nas ruas de Salvador, mãe do advogado e abolicionista Luiz Gama, e que fazia a comunicação e articulação para a organização da Revolta dos Malês em 1835 [*Leia Perfil publicado na Revista E nº 284, de junho de 2020*]. “Se formos pensar nessa comunicação que ela fazia e trazemos para a feira, dessa vez a gente faz a comunicação para gerar outras mudanças e ações afirmativas”, explica Ednusa. Meninas Mahin nasceu, então, como uma feira na Praça das Professoras, Cidade Antônio Estevão de Carvalho, no distrito de Itaquera, Zona Leste de São Paulo. Fruto de um projeto chamado Itaquera Futuro que, depois, se organizou como um coletivo ao entender que mulheres negras de regiões periféricas de São Paulo poderiam somar forças para entenderem, montarem e gerirem seus próprios negócios.

“A intenção era, além de fazer a feira e de ter esse espaço estruturado e seguro. Foi juntar as ações afirmativas tanto de desenvolvimento quanto de cultura da região e valorizar o comércio do entorno”, explica Ednusa, que veste e consome alimentos e outros produtos feitos pela rede de empreendedoras do Coletivo Meninas Mahin. “Percebemos, então, que o coletivo não era só feira, mas também um espaço formativo de capacitação na prática de gestão de

negócios. Ou seja, a gente faz com que essas mulheres entendam, pratiquem a gestão de seus negócios e se vejam como empreendedoras”, complementa.

A administradora também percebeu que muitas dessas mulheres haviam feito algum curso em instituições como Sebrae ou Instituto Mulher Empreendedora; no entanto não compreendiam como todo aquele conhecimento em apostilas poderia sair do papel. Para isso, o coletivo oferece uma mentoria realizada por meio de rodas de conversa durante o evento. “Elas aprendem, inclusive, a montar e desmontar o estande, a saber medir, a distribuir seus produtos naquele espaço, que nada mais é que o conceito de vitrinismo; a fazer um planejamento, a atender o cliente, a fazer um cartão de visita etc. Ai, elas vão aprendendo, melhorando e praticando na feira”, conta Ednusa.

Em 2017, o Coletivo Meninas Mahin realizou 36 feiras; em 2018, foram 33; e em 2019, 70 feiras. Na pandemia, o grupo formado por 83 empreendedoras parceiras aprenderam ferramentas digitais, participando de feiras online e de lives nas redes sociais do coletivo, que também abriu um canal no YouTube. “Com as lives, elas viram a importância de um cenário, de expor sua marca e seus produtos, a posição da câmera, da luz e o que falar. Aprenderam a fazer o que chamam de *pitching*, ou seja, falar do seu negócio em pouco tempo”, conta.

SOMAR FORÇAS

Também foi em 2016 que a pesquisadora em economia periférica e tecnologias africanas Barbara Terra criou a Rede Nós por Nós, no distrito do Grajaú, Zona Sul da cidade. A iniciativa tem como objetivo fomentar, fortalecer e estruturar uma rede de desenvolvimento de empreendimentos, de pessoas e negócios periféricos atuantes na região. “A rede se iniciou a partir de uma reunião onde eu convoquei algumas lideranças, articuladoras do bairro para redesenhar nossas relações, criar mais ações em rede, olhando para nossa geração de renda, compartilhando nossas ideias, nossas inventividades, nossos saberes a partir da nossa experiência local”, recorda Bárbara.

De 2016 a 2019, a Nós por Nós realizou 10 festivais socioculturais com feiras integradas, formato que, segundo Barbara, são a principal forma de acessar o público e de “fomentar a rede de consumo de forma afetiva, efetiva e constante, promovendo um ambiente de impacto cultural, social e econômico, potencializando o que já existe no território”. Até o momento, aproximadamente 80 empreendimentos já foram impactados pelas ações da rede. Um número que tende a crescer desde que a Nós por Nós foi contemplada, em 2020, pelo edital Fomento à Cultura da Periferia, com o projeto Sankofa Hub - Laboratório de Inovação e Economia Periférica.

“Então, foi possível concentrar em um único espaço todas as atividades que vínhamos executando desde 2016: um espaço de criatividade, articulação e desenvolvimento, que é esse laboratório onde podemos experimentar e criar possibilidade de integração com todas essas pessoas da rede. Aqui a gente promove nossas ações, projetos e também gera a nossa renda de forma local”, descreve. Compõem o Sankofa Hub uma loja colaborativa onde são vendidos produtos de marcas locais e de diferentes segmentos – acessórios, roupas, produtos de casa, de bem-estar, cosméticos –, criações que antes eram expostas apenas nas feiras. Além da loja, há um bistrô com uma proposta de alimentação saudável e afetiva e uma sala de *coworking* para empreendedores e coletivos da região. O Sankofa Hub ainda organiza uma programação cultural junto com outros coletivos parceiros.

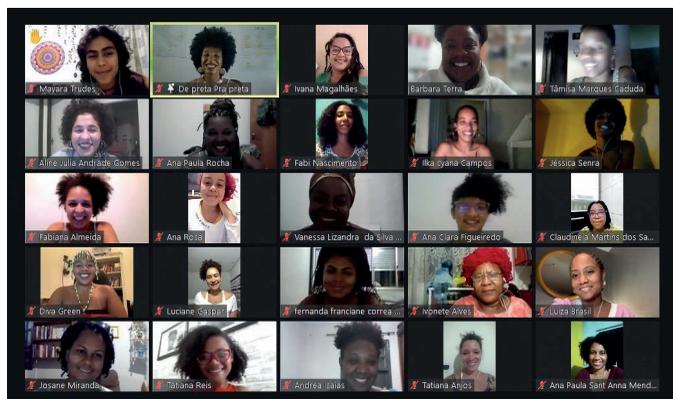


Foto: Arquivo NPN

Núcleo de aprendizado "De Preta pra Preta", da Rede Nós por Nós, realiza capacitações em plataformas digitais.

Além das ações presenciais, a Rede Nós por Nós atua em plataformas digitais. Para isso, criou um núcleo de aprendizado voltado para mulheres negras microempreendedoras periféricas que se chama De Preta para Preta. Dentro desse projeto já foram realizadas três capacitações: uma de orientação vocacional, outra de matriarcado e empreendedorismo negro e uma terceira de educação financeira.

“Acho que o principal desafio é manter o negócio de pé, ter visão de futuro, ter capital de giro. Falta um pouco esse olhar para como manter o negócio, ter um capital inicial para que as pessoas possam fomentar seus negócios. Esse desafio também envolve nossa autoestima, mexe com nosso psicológico. Por isso, hoje eu digo que a Rede Nós por Nós olha mais para as pessoas do que de fato para o empreendimento, porque os empreendimentos são feitos de pessoas e como estão essas pessoas”, ensina. ■

(Por Maria Julia Lledó)



Foto: Caixa D'água Produções

Barbara Terra (ao centro) e equipe da Rede Nós por Nós no Sankofa Hub: espaço de criatividade, articulação e desenvolvimento no distrito do Grajaú, Zona Sul da cidade.

CAPILARIDADE DE AÇÕES

ALIMENTAÇÃO, MODA, MÚSICA E CAPACITAÇÃO SÃO ALGUNS DOS FOCOS DE EMPREENDEDORES QUE PROMOVEM IMPACTO SOCIAL, CULTURAL E ECONÔMICO

Emprende-aí

“Escola de negócios da periferia para a periferia”, é como se define a Empreende-aí. Fundada em 2015 pelo administrador de empresas Luis Coelho e pela psicóloga Jennifer Rodrigues, tem como objetivo formar e capacitar, prioritariamente, novos empreendedores de territórios populares, comunidades em situação de vulnerabilidade social. Todo o processo acontece por meio de metodologia própria presencial e online e de metodologias cocriadas com parceiros. Já foram capacitados mais de 1400 alunos, sendo 75% pretos e pardos e 69% mulheres. Conheça: emprendei.com.br.



Iana Bar



Divulgação

Feira Preta

Criado há 18 anos por Adriana Barbosa, na cidade de São Paulo, o festival Feira Preta foi reconhecido como o maior evento de cultura negra da América Latina. Consolidado como um espaço de fomento e valorização de iniciativas afro-empendedoras de diversos segmentos. Além do festival, a Feira Preta abrange um marketplace de moda, artesanato, arte, decoração, papelaria e outros produtos, e também realiza programas de capacitação e de aceleração de negócios. Saiba mais: festivalfeirapreta.com.br.



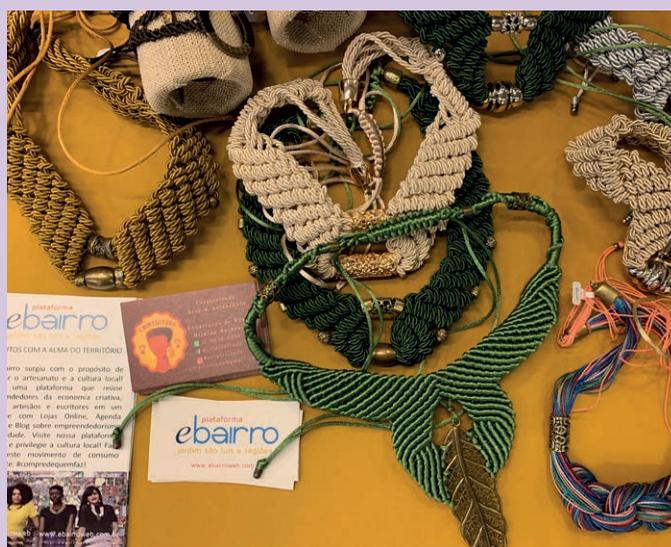
Vinicius Pereira

Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres no Butantã

Formada por mulheres em 2017, essa rede de empreendimentos de economia solidária e feminista promove o comércio justo, a agroecologia e a cultura popular por meio de atuação em rede no Butantã e organiza mensalmente uma feira no Viveiro 2, espaço público da região. Dentre os produtos comercializados estão: alimentos agroecológicos, cuidados pessoais, artesanias, moda e ludicidades. Além da realização da feira presencial, é possível comprar os produtos de mais de 30 produtoras na loja virtual da feira. Para as produtoras envolvidas, a Feira é muito mais que uma oportunidade de comercialização de seus produtos e de geração de renda. É também um espaço permanente de acolhimento, empoderamento, formação e deliberação coletiva, onde todas participam ativamente das etapas de planejamento, produção e execução do evento, valorizando assim, a diversidade que caracteriza a rede. Conheça: www.instagram.com/feira_mulheres.

E-bairro

Plataforma digital que reúne empreendedores do Jardim São Luís e regiões (Campo Limpo, Capão Redondo, Jardim Ângela etc.) da economia criativa e da economia solidária, nela também são divulgadas informações sobre atividades culturais, arte e inovação de territórios. O E-Bairro entende que a Agenda Cultural é umas das funcionalidades da plataforma que devem ser potencializadas, por permitir a divulgação e a sistematização de eventos culturais que acontecem no território. Além disso, essa ferramenta possibilita o mapeamento das atividades culturais e o surgimento de redes e de trocas, fomentando a colaboração entre os mais diversos atores culturais da economia criativa da região. Confira: www.ebairroweb.com.br.



Divulgação

FOMENTO E FORMAÇÃO

VISIBILIDADE DE INICIATIVAS, AÇÕES FORMATIVAS E INTERCÂMBIOS DE CONHECIMENTOS COMPÕEM PROGRAMAÇÃO EM REDE NO SESC SÃO PAULO

De 18 a 27 de março, o Sesc São Paulo realiza a ação em rede Nós: criação, trabalho e cidadania, que busca visibilizar iniciativas de fomento à inclusão produtiva, à geração de renda e ao desenvolvimento comunitário. Para isso, foram mapeados grupos que estão nos territórios onde unidades do Sesc estão inseridas. São coletivos de empreendedoras/os periféricas/os, cooperativas, grupos de consumo, organizações sociais, empreendimentos comunitários e de povos tradicionais. Na programação, que será realizada tanto no formato presencial quanto online, haverá mesas de debates com o objetivo de troca de conhecimentos entre diferentes iniciativas, além da realização de feiras e de ações formativas.

“Nesse cenário de pandemia e maior vulnerabilidade social, o Sesc atua como espaço de formação e apoio às ações coletivas que estimulam a solidariedade e o fazer junto, de forma segura e sustentável. Desejamos que essas ideias e práticas inspirem formas mais justas de sociedade, com mais oportunidades e autonomia para as pessoas”, explica Ricardo Ponzio Scardoelli, assistente técnico da área de Valorização Social, na Gerência de Educação para Sustentabilidade e Cidadania do Sesc.

Confira alguns destaques da programação e saiba mais no portal do Sesc São Paulo: www.secsp.org.br/nos.



Jef Delgado

PINHEIROS

Feiras: diversidade, protagonismo e trabalho em rede

Nessa mesa de abertura da ação Nós: criação, trabalho e cidadania estarão presentes no bate-papo Feiras: diversidade, protagonismo e trabalho em rede Milena Nascimento, empreendedora da Rede Nós por Nós; Julia Lourenção, da Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres no Butantã; e Ednusa Ribeiro, do coletivo Meninas Mahin. Quem fará a mediação é Adriana Barbosa, idealizadora do Festival Feira Preta, que foi reconhecida como o maior evento de cultura negra da América Latina. (Dia 18/03, das 17h às 18h30).

ITAQUERA

Feira Valoriza Ação!

Na feira *Valoriza Ação!*, o público poderá conhecer o trabalho e os produtos de iniciativas situadas na Zona Leste da cidade de São Paulo. Entre essas está o Coletivo Meninas Mahin, que por meio da Feira Afro Meninas Mahin fomentam o empreendedorismo da mulher preta por meio de atividades afirmativas promovidas nas feiras pela prática interdisciplinar, ou seja, a integração com atividades: artesanais, artísticas, esportivas, musicais, literária, oficinas e ações de cidadania. (Dias 26 e 27/03, das 10h às 16h)



Agência Ophelia

REGISTRO

Trilhas do Saber

Nessa série de encontros formativos realizada por artesãos da cidade de Iguape, que fazem parte dos coletivos Artesol e Artesanato Solidário, o objetivo é inspirar e estimular a profissionalização de artesãos tendo em vista a inovação e a sustentabilidade financeira de seus

negócios. Entre os temas abordados estão: Identidade Cultural, Design, Produto, Gestão e Comunicação. (Dias 23/03, 20/04, 18/05, 15/06, 13/07, às quartas, das 9h às 17h – encontros presenciais. E dias 6/04, 4/05, 1/06, 29/06, 27/07, quartas, das 14h às 16h – encontros online).



Júlio Leco



Comunicação São Caetano

SÃO CAETANO

Mostra – ABC da Economia Solidária

Neste encontro será apresentada uma mostra de algumas iniciativas de economia solidária realizadas na região do ABC. São trabalhos diversos de sustentabilidade como a venda de orgânicos, artesanato, além de empreendimentos nas áreas de saúde mental, finanças solidárias e alimentação para geração de renda. (Dia 19/03, sábado, das 10h às 15h).

CAMPO LIMPO

Feira de Iniciativas Sociais

Empreendedores da região participam da Feira de Iniciativa Sociais que busca valorizar o pequeno artesão da periferia da Zona Sul de São Paulo. São iniciativas de economia solidária, de prática de saberes diversos (tradicionais, populares e/ou científicos) e de observação de impactos positivos na comunidade onde estão inseridas. (Dias 19, 20, 26 e 27/03, na Praça das Corujas)



Renata Teixeira



Para sempre, Elza

ELA DESAFIOU O TEMPO, O PRECONCEITO E A VIOLÊNCIA
TRANSFORMANDO A MÚSICA BRASILEIRA

Essa história poderia ter começo, meio e fim. Porém, quando se trata de Elza Soares, borram-se marcos temporais. É que a “Mulher do fim do mundo”, ou a mulher cujo nome é agora – em referência ao documentário *My name is now, Elza Soares* (Dir. Elizabete Martins Campos, 2014) –, seguirá como inspiração para esta geração da música e para aquela que virá amanhã e depois de amanhã. A menina de 13 anos e um filho carregava lata d’água na cabeça, subindo e descendo o morro de Moça Bonita, favela na capital fluminense, até deixar o Brasil boquiaberto quando soltou sua voz rouca e única na Rádio Tupi. No programa de calouros de Ary Barroso, ela disse ter vindo do “planeta Fome”, de onde partiu mundo afora levando seu samba,

suingue e sensibilidade. Elza caiu e se levantou inúmeras vezes ao longo de mais de 60 anos de carreira e se tornou uma grande protagonista da história da música brasileira.

“Elza passou por diversos momentos da história da nossa música. Ela foi para o programa de rádio do Ary Barroso defender um samba. Aliás, ela começou cantando samba e tentaram encaixá-la na bossa nova, mas sua voz tinha muito alcance, poder e impacto para a bossa nova. Então, ela se destacou imediatamente como uma intérprete diferente, fora de qualquer padrão. Ela tem um acento do jazz sem nunca ter estudado ou participado de rodas de jazz, pelo contrário, ela participava de rodas de samba”, conta a jornalista, consultora e curadora musical Patricia Palumbo.

EU CANTO SAMBA, JAZZ, BOSSA E RAP. MISTURO TUDO PORQUE MINHA
ARTE REFLETE A MINHA VIDA E VIVER PARA MIM É UM ATO POLÍTICO.
MEU TRABALHO CARREGA MINHA FORÇA PARA CONTAR UM POUCO
DO QUE EU PASSEI NA MINHA HISTÓRIA

ELZA SOARES, em *Depoimento* publicado na *Revista E* n° 260, de fevereiro de 2018

DURA NA QUEDA

Ao longo de 91 anos de vida, a artista driblou preconceitos e violências na vida e na música, por ser mulher, por ser negra, por ser artista, por ser Elza. Misturou samba e jazz antes da bossa nova, cantou na gafieira, gravou discos premiados que atravessaram as décadas de 1960, 1970, 1980 e os últimos 20 anos [*leia boxe Ao pé do ouvido*]. Enfrentou a ira dos jornais e do público pelo casamento com o ídolo do futebol Garrincha; teve sua casa no Rio de Janeiro baleada durante a ditadura; passou um período de exílio na Itália, onde conheceu Ella Fitzgerald e foi convidada pela diva do jazz a assumir seu lugar na turnê *Ella canta Tom Jobim*.

Na vida de Elza tudo veio a galope, sem pedir licença, sem avisos. E mesmo após altos e baixos, após confessar estar descrente da música nos anos 1980, ela ressurgiu como a Fênix [*figura mitológica do pássaro que renasce das cinzas*] que tinha tatuada na perna. Em 1985, gravou *Língua*, com Caetano Veloso, e foi abraçada pela música pop. Desde então, recebeu novos abraços de sonoridades contemporâneas e de jovens artistas com quem passou a trabalhar, incorporando, a partir de 2000, do rap à música eletrônica.



Sesc Pompeia, projeto Rio Show, 1999.

Agência Foccha/Acervo Sesc Memórias

EU GRITO CONTRA UMA SÉRIE DE ABUSOS, SEMPRE, DESDE UMA ÉPOCA EM QUE NÃO HAVIA MULHERES FAZENDO ISSO, NEM AS NEGRAS. HOJE, VER ESSAS JOVENS TENDO VOZ E LUTANDO POR IGUALDADE É UMA BENÇÃO. POR ISSO QUE EU DIGO QUE A NOSSA CARNE NEGRA JÁ NÃO É A MAIS BARATA DO MERCADO.

JÁ TEMOS UM PREÇO ALTO, SOMOS MAIS VALORIZADAS

ELZA SOARES, em *Depoimento* publicado na *Revista E* nº 260, de fevereiro de 2018

AO PÉ DO OUVIDO

A JORNALISTA PATRICIA PALUMBO INDICA E COMENTA SOBRE 5 DISCOS ESSENCIAIS DE ELZA SOARES

A Bossa Negra (1960)

Nesse disco a gravadora desejava que a Elza se aproximasse mais da bossa nova e por isso o título. Mas, já na primeira faixa, ele mostra que a intérprete está muito mais para o jazz, para o samba, para Elza Soares do que para o movimento de um “banquinho e um violão”.

Elza Soares e Wilson das Neves (1968)

Disco histórico gravado com o grande e maravilhoso Wilson das Neves, ainda que tenhamos aqui *Samba de Verão*, *O Barquinho*, da bossa nova, a gente tem *Mulata Assada* e uma Elza muito mais para o sambalço do que para a bossa. E claro que Wilson das Neves dá o molho que combina tanto com ela. Uma parceria absurdamente importante.

Elza pede passagem (1972)

Nesse disco, ela começa a mostrar na plenitude toda a abrangência do seu canto, do seu suingue e do seu balanço. Tem gravações espetaculares e, aí sim, o sambalço está totalmente presente. É um disco fundamental para entender o alcance dessa voz, o alcance dessa intérprete.

Vivo feliz (2004)

Nele eu vejo a Elza Soares começando a se relacionar e a transitar com uma música mais contemporânea, a música do século 21, por exemplo em *Computadores fazem arte*, uma canção do Fred Zero Quatro. É um disco cheio de eletrônica e de DJs participando, e ela se mostra aqui, mais uma vez, a grande intérprete contemporânea. Seja nos 1960, nos anos 1970, nos anos 1980, nos anos 2000, Elza acompanha o seu tempo.

Do cóccix até o pescoço (2002)

A música *Dor de cotovelo* que dá nome a uma das faixas é feita pelo Caetano Veloso especialmente para ela, uma das maravilhosas canções que compõem esse disco. Vale lembrar que antes ela fez *Vivo feliz* e depois ela fez *Do cóccix até o pescoço*, esses dois discos trouxeram a Elza para o ano 2000 e foi a partir desses discos que vieram os demais que são *A mulher do fim do mundo* (2015) e esses outros que ela fez agora com essa turma de São Paulo. Mas, esse disco tem canções excepcionais, arranjos maravilhosos, Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown, Wisnik, Caetano, Chico, todo mundo compondo especialmente para ela. É um disco lindo.



Fotos: Reprodução





Reprodução

Reprodução de um *frame* do documentário *My name is now, Elza Soares* (Brasil, 2014), dirigido por Elizabete Martins Campos, que faz um recorte da vida e da obra da artista.

TODAS AS ELZAS

Generosa em palavras, gestos e parcerias, Elza Soares teve e ainda tem um papel decisivo na carreira de muitos artistas da música brasileira. “Toda cantora tem alguma coisa de Elza Soares”, acredita a jornalista Patricia Palumbo. Esse é o caso da cantora, diretora e atriz Larissa Luz. “Eu a conheci pessoalmente numa festa de lançamento de um edital onde cantei. Ela me disse coisas lindas. Fiquei emocionada lembrando a minha adolescência nos intervalos da escola, tentando reproduzir a voz dela pelos corredores. A Elza sempre foi referência mesmo quando eu não tinha noção do que significava ter essas referências”, recorda.

Mas, foi em 2016, durante as gravações do segundo álbum de Larissa Luz, *Território Conquistado*, que a admiração ganhou corpo também como parceria musical. “Foi logo depois desse encontro que começamos uma aproximação imersiva e eu mergulhei na sua existência. Convidei a Elza para participar do meu disco e foi mágico poder dar mais esse passo na nossa construção, vê-la em ação no estúdio. Sentir o seu pisar no mundo era sempre aprendizado e foi assim

sempre que estivemos juntas. Cada conversa era identificação e admiração profunda”, compartilha.

Larissa Luz atuou e dirigiu o musical *Elza*, que estreou em 2018 e foi apresentado no Sesc São Paulo, nas unidades de Pinheiros, Guarulhos, Santos e Sorocaba e recebeu prêmios e arrebatoou mais de 120 mil espectadores. No espetáculo, 10 atrizes de corpos, timbres e idades distintas nos convidavam a vestir a pele da “Mulher do fim do mundo”. “Deixar a narrativa de Elza me atravessar fisicamente e emocionalmente foi engrandecedor. Cresci artisticamente e humanamente. Ampliei minha visão de tudo e comecei a enxergar milhões de outras possibilidades de existência e resistência. Viver Elza foi libertador e cantar Elza foi demasiadamente emocionante”, complementa.



Laura Rosenthal

Cena de "Elza", com Larissa Luz e grande elenco: espetáculo musical estreou em 2018.

ABENÇOADA PELA MÚSICA

No ano de 2013, em entrevista à jornalista Patricia Palumbo, registrada no livro *Vozes do Brasil - Entrevistas reunidas* (Edições Sesc São Paulo, 2019), Elza compartilhou essas nuances que seu trabalho como intérprete foi ganhando. “Eu tinha vários discos da Elza empilhados e fui conversando com ela a partir deles. E foi muito curioso porque ela foi me contando a vida dela ao mesmo tempo em que eu mostrava os discos e destacava algumas músicas. A cada canção, uma passagem da vida dela tinha ora tristeza ora um acontecimento muito impactante: a morte de um filho, o exílio, o preconceito que sofreu, mas também grandes alegrias que a música deu. Tem, inclusive, uma passagem no livro em que ela diz que é abençoada pela música, e que a música foi o que na verdade a levou tão longe e fez com que conseguisse sempre dar a volta por cima”, relembra Palumbo.



Alexandre Nunes

Show do álbum “A Mulher do fim do mundo”, apresentado no Sesc Pinheiros.

A voz do milênio, título que ganhou da BBC de Londres, cantou até o fim. Elza Soares faleceu em sua casa no Rio de Janeiro, dia 20 de janeiro, deixando trabalhos inéditos para serem lançados ainda neste ano: dois documentários sobre sua vida e música, além de um álbum com canções inéditas. “Já dei muitos passos na vida e sempre andei pra frente, construindo meu caminho e deixando pra trás o passado. É tão difícil dar conselhos... Mas esse é o conselho que eu dou. Não podemos ficar calados. O país precisa de ajuda e só nós podemos fazer isso, juntos. Acredito muito no povo e acredito em mim, nunca parei de acreditar. Isso é o que faz com que eu siga em frente. O mundo não muda tanto, a gente é que muda”, disse a cantora à *Revista E*, em fevereiro de 2018. ■

(Por Maria Julia Lledó)

Depois do fim

SHOWS, LIVRO, IMAGENS E OUTROS MATERIAIS CELEBRAM
A PRESENÇA DA INTÉRPRETE NO SESC SÃO PAULO

Direta ou indiretamente, lá está Elza Soares na memorabilia afetiva do Sesc São Paulo. Em fotografias, registros de shows nas unidades do Sesc, preservadas pelo Sesc Memórias; em autógrafa no camarim do teatro do Sesc Pompeia; em vídeos de shows exibidos pelo SescTV e no canal do YouTube do Sesc São Paulo. Elza está até mesmo na Caixa Preta de Itamar Assumpção, lançada pelo Selo Sesc.

“Parte considerável de seus admiradores conhece sobretudo essa faceta mais recente, na qual se destaca a imagem quase mítica da ‘Mulher do fim do mundo’. Eu, mais velho que muitos desses fãs, acompanhei as metamorfoses dessa artista em suas múltiplas fases. Sinto-me grato e energizado pelas memórias que guardo. Nos momentos em que gigantes como ela nos deixam, fica o convite – sussurrado de modo suingado e rascante, como era seu estilo – para que estejamos à altura de seu legado. Não será tarefa das mais fáceis, mas Elza nos ensinou os improvisos necessários para esses casos”, escreveu Danilo Santos de Miranda, Diretor do Sesc São Paulo, em sua página na rede social Instagram.

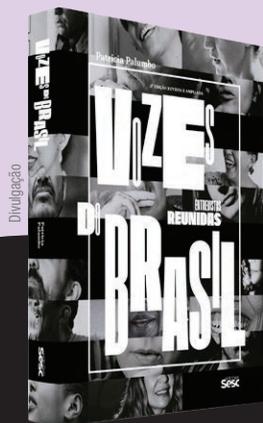
Para sempre, Elza:

#EMCASACOMSESC

Em junho de 2021, mês de comemoração de seus 90 anos, Elza Soares fez show direto de sua casa no #EmCasaComSesc, disponível no canal do YouTube do Sesc São Paulo. A apresentação intimista foi ao lado do rapper Flavio Renegado e do músico JP. Silva e reuniu sucessos da sua discografia. Acesse: www.youtube.com/watch?v=D07-sPRb5TU&t=22s



Reprodução



EDIÇÕES SESC SÃO PAULO

Vozes do Brasil - Entrevistas Reunidas (2019)

Neste livro, a jornalista e radialista Patricia Palumbo reúne 33 entrevistas com artistas representantes da MPB contemporânea que flertam com o pop – vice-versa. Depoimentos de músicos afinados a estilos ou movimentos que colaboraram para a constituição da MPB, como a bossa nova, o samba ou a tropicália. Destaque para a entrevista com Elza Soares, seus discos, sua vida e “as voltas por cima” da intérprete.

Leia:

<https://portal.secsp.org.br/online/edicoes-sesc>



SELO SESC

Preto Brás II - Maldito vírgula (Caixa Preta), de Itamar Assumpção

Lançada pelo Selo Sesc em 2013, a Caixa Preta é composta por dez discos da trajetória do músico Itamar Assumpção, lançados entre 1980 e 2004, remasterizados,

além dois discos inéditos

produzidos pelo Selo Sesc a partir de gravações de voz e violão deixadas pelo Nego Dito.

Com produção e direção musical de Beto Villares e Paulo Lepetit, no álbum Preto Brás II - Maldito vírgula, a cantora interpreta uma das faixas escrita por Itamar Assumpção em sua homenagem: a música Elza Soares

“Desde que me entendo por gente /

Eu sambo, eu faço o que gosto /

My soul is black, meu sangue é quente”.



Stéphane Goarna / Munitzer/Divulgação

SESCTV

Elza Soares: A mulher do fim do mundo

Em outubro de 2016, o Sesc Pinheiros realizou o show *A Mulher do fim do mundo*, espetáculo, que marcou o lançamento em vinil do álbum homônimo de 2015, que recebeu o Grammy Latino 2016 na categoria Melhor Álbum de Música Popular Brasileira, entre outros prêmios. Nele, a cantora é acompanhada pelos músicos Kiko Dinucci, Marcelo Cabral, Rodrigo Campos, Romulo Fróes e Guilherme Kastrup, produtor musical do show, e conta com participação especial do cantor Rubi. Assista: www.sesctv.org.br/elza.

A artista também participou do especial *Compacto*, no qual conta o famoso episódio da sua estreia no palco de Ary Barroso. Confira: www.youtube.com/watch?v=gvDEePntAw&t=9s

TEMPOS DE FOLHETIM

EXPERIMENTO LITERÁRIO CONVIDA ESCRITORES A CRIAREM NARRATIVAS INÉDITAS DURANTE A QUARENTENA, ACOMPANHADAS DE ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS INSPIRADAS NESSAS HISTÓRIAS

Houve um tempo em que a literatura ocupava os jornais. Um tempo em que a arte ganhava as páginas dos periódicos, em que as narrativas em prosa e poesia se organizavam de forma ritmada e as leituras eram frequentes. Nas linhas publicadas, histórias marcadas por dramas cotidianos, terror e comédia, com finais nem sempre felizes. Tempos de folhetim.

Mas o tempo também pode ser agora, pois ele se reinventa e carrega a essência e a potência das narrativas que vieram antes, com a vivência e o pulsar de hoje, mas sempre com olhar para o futuro. A perspectiva de fazer com que o saber literário se faça presente no dia a dia inspirou o projeto *Folhetim*, criado pelo Sesc Pompeia [[leia depoimento Experiência literária em tempos de isolamento](#)]. Escritores brasileiros foram convidados a produzir textos inéditos, narrativas divididas em seis episódios e disponibilizadas semanalmente na internet, pela plataforma *Medium*.



Para além de uma viagem da escrita, o projeto traz ilustrações originais, pensadas para cada episódio e assinadas por artistas convidados. “Acredito que o projeto, de certa forma, é uma ligação entre a linguagem digital e os formatos clássicos dos antigos folhetins. É uma forma muito bacana de apresentar a profusão de estilos literários, escritores e ilustradores”, afirma o escritor Ricardo Terto, que realizou o experimento literário *Coisas que viram fumaça*.

Nas próximas páginas desta matéria *Gráfica*, é possível passear o olhar por algumas das ilustrações que deram traços e cores para cada uma das narrativas publicadas. Conheça: folhetimsescpompeia.medium.com.



▼ Eva Uviedo. Para o texto *Incêndio*, de Clara Averbuck





▲ Carol Itzá. Para o texto *Peixe fora d'água com banzo*, de Elizandra Souza

Experiência literária em tempos de isolamento

Por Soraya Idehama, programadora do Sesc Pompeia

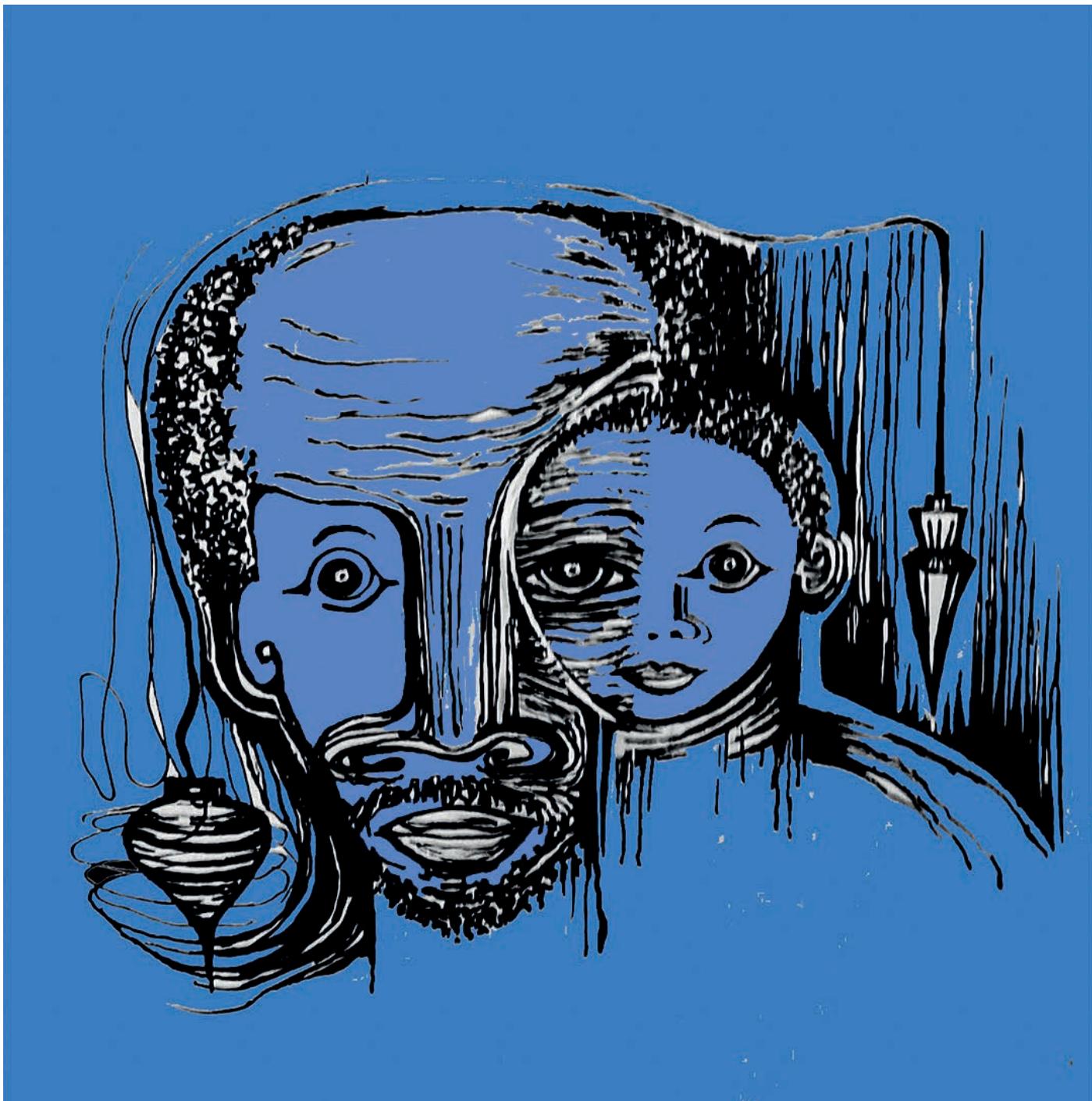
Você já ouviu dizerem que leitura precisa de um lugar silencioso? Ou que escrever é um ato solitário? Nada mais pertinente do que usar o isolamento que a maioria das pessoas vivenciaram e propor a escritoras e escritores a criação literária em tempos de pandemia e às leitoras e leitores a experiência de uma leitura produzida com um curto intervalo entre sua criação e o momento em que será lida. E assim foi feito. Inspirado no movimento homônimo das narrativas literárias dos séculos 19 e 20, *Folhetim* foi criado com a vontade de experimentar. Experimentar novos suportes para leitura, uma escrita em tempos de isolamento imposto e muitas possíveis histórias.

A partir desse desafio, uma curadoria percorreu o maior número de caminhos possíveis, oferecendo diversidade de escritas, de escritoras e escritores, de estilos, de narrativas e de formatos. As únicas regras foram: quantidade de caracteres (pois há um limite da plataforma escolhida) e uma narrativa em seis capítulos, publicados semanalmente. Como resultado, histórias que poderiam ser contadas em forma de romance, novela, cordel.

Para complementar essa aventura literária de forma imagética, pedimos para que cada autora e autor indicasse um ilustrador. Isso porque apostamos na total liberdade de criação para que, na escrita ou na imagem, a provocação que a narrativa buscasse causar estivesse sempre alinhada com quem a tivesse criado.

São histórias que podem ser lidas por meio de palavras e imagens que trazem ao público o contato com os mais diversos estilos literários e criações nas artes visuais. Tivemos Ricardo Terto, Conceição Evaristo, Aline Bei, Luiz Ruffato, Elizandra Souza, Ferréz, Clara Averbuck, Daniel Galera, Jarid Arraes, Natália Borges Polesso, Fabio Kabral, Eliana Alves Cruz, André Vianco, e Sheyla Smanioto.

Em abril, teremos Daniel Munduruku e mais um monte de histórias bacanas para ler e apreciar em 2022. Sempre é tempo de *Folhetim*. E toda semana, você poderá acompanhar um novo episódio dessa história.



▲ Iléa Ferraz. Para o texto *Um piano para Yá Dulcina*, de Conceição Evaristo

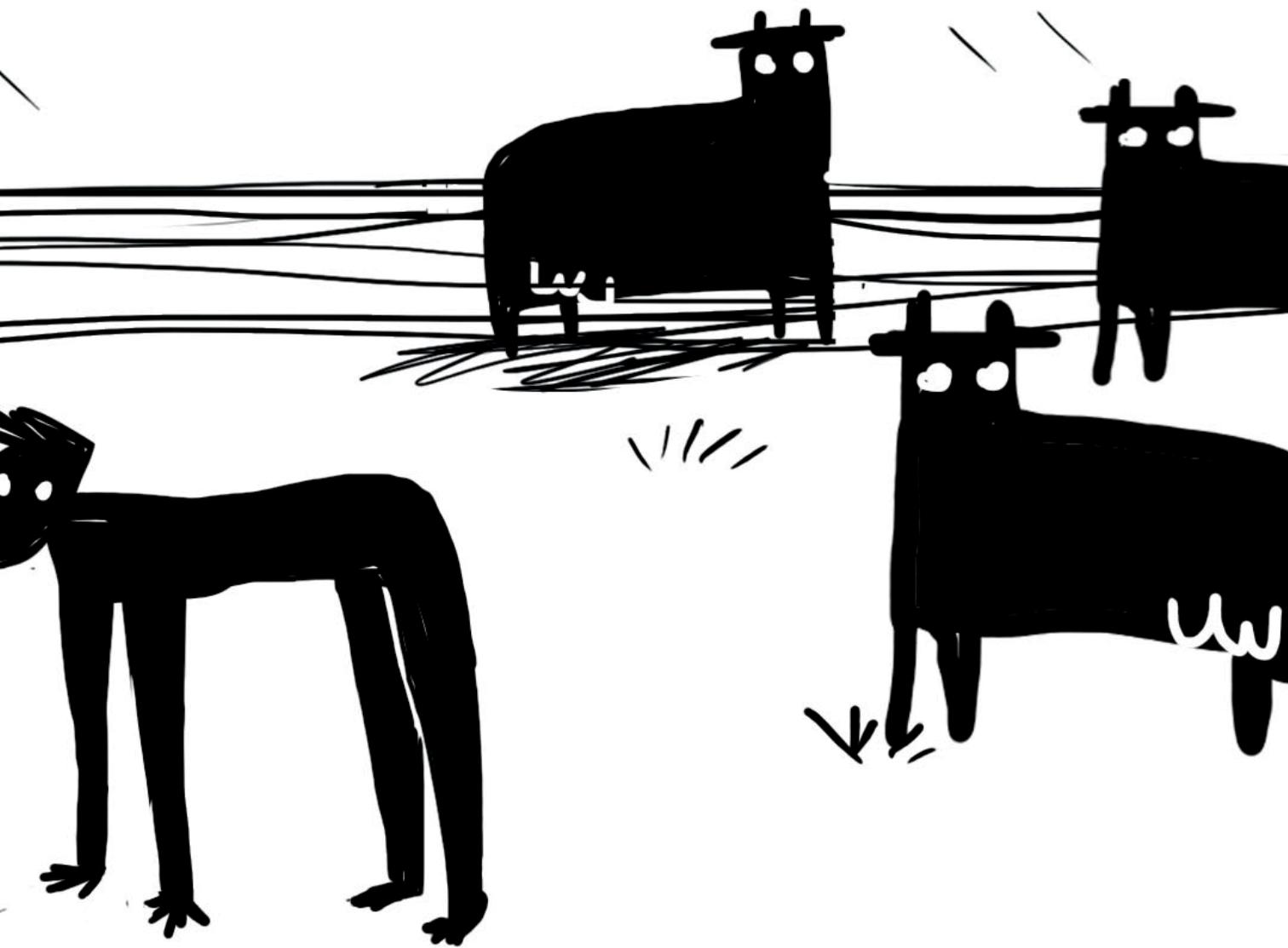


▲ Monique Malcher. Para o texto *Sangue é coisa de mulher*, de Jarid Arraes



▼ Ianah Maia. Para o texto *As crianças de Beirut*, de Aline Bei







▲ Nazura. Para o texto *Retrato Frio*, de André Vianco





▲ Aline Zouvi. Para o texto *Sonhos são fenômenos extraordinários!*, de Natália Borges Poleoso



▲ Estevão Ribeiro. Para o texto *A última Griote e os 25 Eternos*, de Eliana Alves Cruz



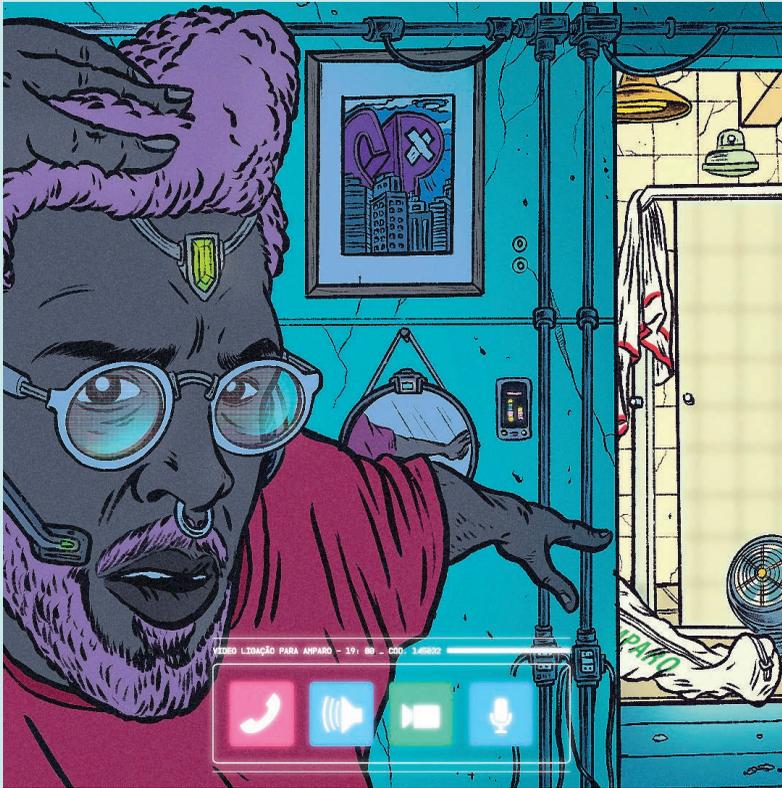
▲ Estevão Ribeiro. Para o texto *A última Griote e os 25 Eternos*, de Eliana Alves Cruz



◀ Carol Itzá. Para o texto *Peixe fora d'água com banzo*, de Elizandra Souza

▼ Rodrigo Cândido. Para o texto *A caçadora estelar e o pássaro azul*, de Fabio Kabral

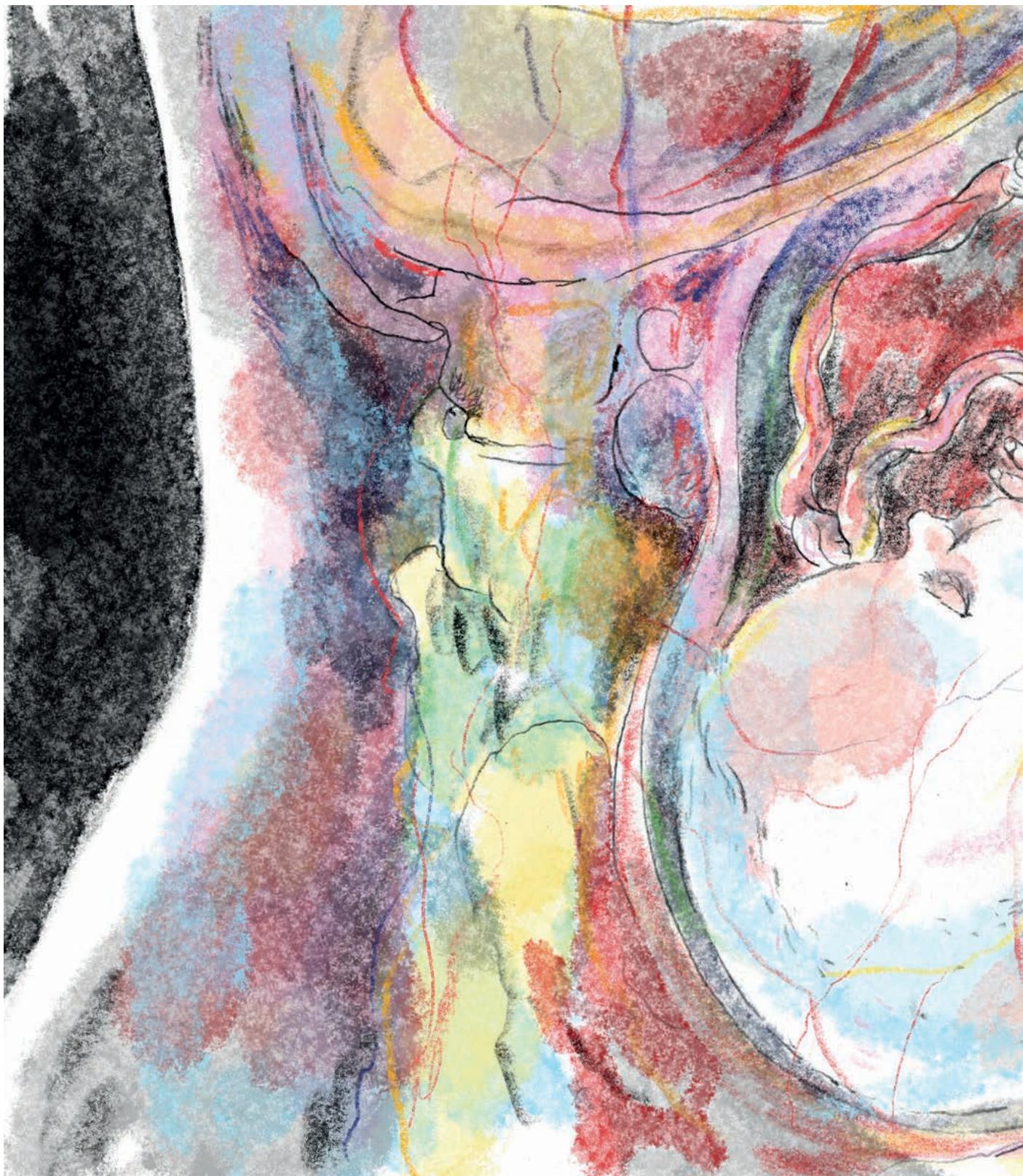




◀ Oga Mendonça. Para o texto *Coisas que viram fumaça*, de Ricardo Terto



Oga Mendonça. Para o ► texto *Coisas que viram fumaça*, de Ricardo Terto



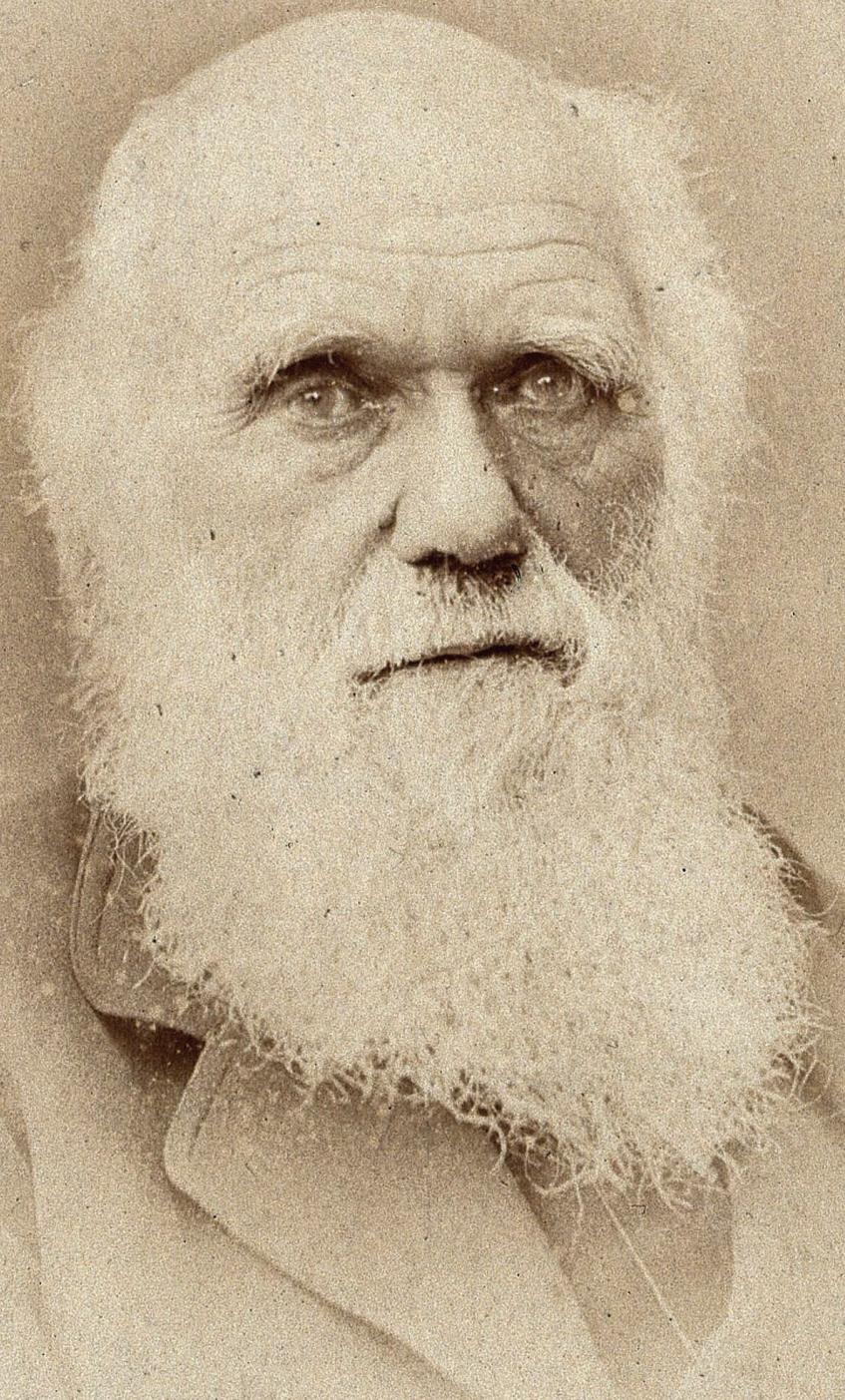
▲ Pedro Franz. Para o texto *Mutantes*, de Daniel Galera





▲ Fábio Quill. Para o texto *Condomínio pague para entrar, reze para sair*, de Ferréz





Charles Robert Darwin.

Darwin no Brasil

EXPOSIÇÃO NO SESC INTERLAGOS TRANSITA PELA VIDA,
VIAGENS E OBRA DO AUTOR DE A ORIGEM DAS ESPÉCIES

Antes de desembarcar nas Ilhas Galápagos, no Oceano Pacífico, onde encontrou pássaros que, anos mais tarde, o ajudariam a formular a teoria da evolução das espécies por seleção natural e sobrevivência dos mais aptos no planeta, o biólogo e naturalista Charles Darwin (1809-1882) esteve no Brasil. A bordo do navio HMS Beagle, o então jovem inglês que abalou a estrutura dos conhecimentos vigentes no século 19 conheceu, em 1832, os arquipélagos de São Pedro e São Paulo, bem como Fernando de Noronha (PE), no Atlântico, e depois aportou em Salvador e no Rio de Janeiro. Deu a volta ao globo por quase cinco anos.

No Rio, então capital do Império, Darwin permaneceu por três meses – de abril a julho daquele ano, quase dois séculos atrás. Instalou-se numa quinta na praia de Botafogo, Zona Sul carioca, e, como relatou em seu diário que em 1839 virou o livro *A Viagem do Beagle*, “era impossível desejar coisa mais deliciosa que passar assim algumas semanas num país tão magnífico. (...) aqui, na fertilidade de um clima como este, são tantos os atrativos que não se pode nem mesmo dar um passo sem lamentar a perda de uma novidade qualquer”, escreveu o naturalista.

Segundo o biólogo **Nelio Bizzo**, especialista em darwinismo e professor titular sênior da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), Darwin ficou deslumbrado com a biodiversidade brasileira, particularmente, com a mata tropical. “Ele já tinha lido sobre essa grande variedade de espécies, mas seguramente não poderia ter a menor ideia do que era vê-la pessoalmente, na forma de um passeio pela Floresta da Tijuca ou andando pelo interior do Rio de Janeiro”, destaca Bizzo, que também é autor do prefácio, da revisão técnica e das notas da tradução de uma edição recente de *A Origem das Espécies* (Edipro, 2018).

Porém, “da mesma maneira como Darwin se maravilhou com a natureza daqui, ele se horrorizou com

a nossa sociedade, particularmente com a escravidão”, aponta o especialista, que também assinou o prefácio de outra edição da obra-prima darwiniana, dessa vez, lançada pela editora Martin Claret em 2014. “Ele ficou muito chocado ao ver como eram tratados os escravizados: açoitados, castigados. E chegou, inclusive, a escrever sobre a futilidade com a qual as damas cariocas lidavam com questões ligadas à vida de suas escravizadas e escravizados”, conta. E os gemidos que Darwin ouviu vindos de uma casa no Recife, durante uma sessão de tortura o assombraram por mais de uma década. A decepção do cientista britânico, que vinha de uma família abolicionista, foi tanta que ele jurou nunca mais visitar um país escravocrata.

Esses e outros detalhes sobre a vinda do renomado naturalista ao Brasil integram a exposição *Darwin, o original*, que o Sesc Interlagos apresenta a partir do dia 5 deste mês, por meio de uma parceria entre o Sesc São Paulo e a instituição francesa Universcience [*Leia mais no box* Para ler, ver, ouvir – e sentir]. A mostra passou pelo Museu Nacional de História Natural da França, e há uma sala inédita, inteiramente dedicada à visita que o naturalista fez ao nosso país, com consultoria científica de Flávia Natércia, pós-doutora em divulgação Científica pela Universidade Estadual de Campinas e curadoria de Leda Cartum e Sofia Netrovski, mestres em literatura francesa e inglesa pela USP, respectivamente, e apresentadoras, roteiristas e pesquisadoras do podcast *Vinte mil léguas* [*Leia mais no box* De áudio a livro], cuja primeira temporada se concentrou na origem, na história e no legado de Charles Darwin.

OUTRAS IMPRESSÕES

Leda diz que Fernando de Noronha – hoje um dos últimos redutos preservados do país e um dos destinos de viagem mais cobiçados do mundo – não entusiasmou muito o cientista naquela época. “A natureza no Brasil era tão diversa que Noronha acabava sendo apenas mais uma ilha no meio de tanta biodiversidade, cores, espécies, plantas. Para um naturalista europeu, chegar aos trópicos foi como conhecer outro planeta”.

A pesquisadora e parceira do *Vinte mil léguas*, Sofia, completa: “Darwin passou um Carnaval em Salvador e anotou em seu diário que era difícil manter a dignidade. Imagina aquele inglês de chapéu e casaca numa festa de rua com guerra de bexiga d’água! Jogavam farinha, xixi, era difícil manter a dignidade mesmo”, avalia.

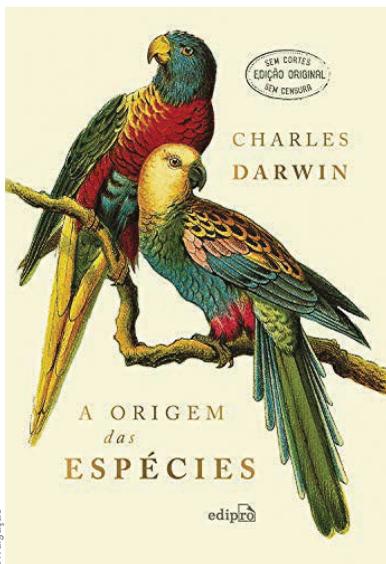
LEGADO EM TEMPOS PANDÊMICOS

Na visão de Sofia, Darwin nos ensina que evolução não significa aperfeiçoamento, mas transformação contínua. “Para ele, a natureza não tem uma finalidade, um plano. É uma questão adaptativa, circunstancial, e tudo pode mudar a qualquer momento. Vivemos num mundo instável e assustador, mas também maravilhoso e muito pulsante, em que as coisas estão em movimento e constante processo”, ressalta. Além disso, para o cientista, “os seres humanos não são melhores do que uma tartaruga, por exemplo”, aponta Sofia.

Hoje, com a pandemia de Covid-19, a seleção natural pode ser vista em tempo real e em escala aceleradíssima, analisa a apresentadora do *Vinte mil léguas*. “As novas variantes surgem porque há reprodução demais desse vírus. E [assim como ocorreu com a produção das vacinas em 2020] Darwin também acreditava no trabalho colaborativo da ciência, trocava cartas o tempo todo com seus colegas. Ele não descobriu nada sozinho”, revela.

De acordo com o biólogo e professor da USP Nelio Bizzo, o que podemos aproveitar atualmente daquilo que o naturalista concebeu é entender como esses patógenos se modificam e, assim, exigem novas defesas dos organismos. “É isso nos faz entender melhor como precisaremos reunir um arsenal de vacinas muito mais amplo com o passar do tempo. Esse vai ser, inevitavelmente, um dos desdobramentos da aplicação da teoria evolutiva ao estudo dos agentes causadores de doenças”, explica o especialista em darwinismo. Em seu doutorado, Bizzo foi

E, apesar do desmatamento do pau-brasil, da Mata Atlântica e de outros biomas, que já era grande naquela época, após mais de 300 anos de colonização portuguesa, Darwin ficou fascinado com a floresta. “Ele veio num momento em que vários povos indígenas já estavam dizimados, havia muitos missionários [*a serviço da Igreja*], mas a floresta em si estava muito mais preservada do que hoje”, pontua Sofia. E ter acesso a diferentes indivíduos da mesma espécie, para compará-los em suas variações, foi fundamental para formular a teoria evolutiva. “Foi nesse momento, após a Revolução Francesa, que começaram a surgir os grandes museus públicos na Europa, com acervos que vieram inicialmente de coleções particulares de reis e nobres”, contextualiza.



até a Universidade de Cambridge, na Inglaterra, para trabalhar diretamente com os manuscritos e rascunhos da biblioteca pessoal de Darwin [cujo acesso hoje pode ser feito pela internet] que foram usados para compor a primeira edição de *A Origem das Espécies*, em 1859.

Interessado pelas ideias de Darwin desde a adolescência, o pesquisador cita, ainda, o filósofo norte-americano Daniel Dennet [autor do livro indicado ao prêmio Pulitzer *A Perigosa Ideia de Darwin*, lançado em 1995], que defende a ideia de que o naturalista inglês criou não apenas um corpo de informações, mas um algoritmo, uma ferramenta

de geração de conhecimento. “Isso nos permite gerar conhecimento ainda hoje em dia. O próprio coronavírus está mostrando isso. Para que a gente entenda a dinâmica desse vírus, precisamos compreender elementos que, evidentemente, não estavam disponíveis naquela época, como a estrutura de seu material genético, mas também recorrer às ideias que Darwin semeou”, afirma.

Entre essas formulações está a noção de que os seres vivos mantêm relações de parentesco entre si. “Então, as novas variantes do vírus são previsíveis, inclusive. Nós sabemos que, a cada geração, algumas modificações herdáveis são acrescentadas ao material genético das espécies. Essa ideia básica nós devemos a Charles Darwin”, resume.

(Por Luna D’Alama)



Para ler, ver, ouvir e sentir

No ano em que se completam 140 anos da morte do fundador da teoria da evolução, o Sesc Interlagos apresenta a exposição gratuita e interativa *Darwin, o original*, que ficará em cartaz de 5 de março a 11 de dezembro, de quarta a domingo e feriados, das 10h às 16h30. A mostra empreende uma fascinante viagem pela história, pelas ideias revolucionárias e descobertas do personagem-título, e pelas reviravoltas científicas que ele provocou.

Além da parceria com a Universcience, que tornou possível também a exposição *Pasteur, O Cientista* [em cartaz no Sesc Interlagos em 2020, e atualmente no Sesc Campinas], o projeto tem apoio da Embaixada da França no Brasil e do Museu Nacional de História Natural da França, patrocínio da Magazine Luiza, além de curadoria científica de Guillaume Lecointre.

Para o diretor do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda, trazer a exposição *Darwin, o original* ao Brasil evidencia a importância do conhecimento científico que transborda em desenvolvimento social, político e cultural, reforçando o caráter educativo das ações da instituição. “Que possamos, ao tomar ciência do significativo papel desse território de saberes na manutenção de nossa qualidade de vida, colaborar para a construção de futuros mais acolhedores e sustentáveis para as atuais e próximas gerações”, destaca.

Durante o percurso, o visitante ficará imerso na mente, na imaginação e no método científico de Darwin, e poderá conhecer suas diversas facetas: o naturalista, o biólogo, o pai, o humanista, o antiescravagista e o pioneiro da etologia [*estudo do comportamento social e individual das espécies em seu habitat natural*] animal e humana.

Além disso, o público poderá ver uma maquete do navio Beagle, conhecer a biblioteca com mais de 400 títulos que o cientista levou a bordo, acessar uma linha do tempo, filmes, teatros animados, jogos e dispositivos multimídia interativos. Tudo para permitir que as pessoas explorem, de maneira lúdica, as referências históricas, intelectuais e culturais do período vitoriano, e entrem em contato com áreas do conhecimento como zoologia, botânica, geologia, paleontologia, antropologia e geografia.



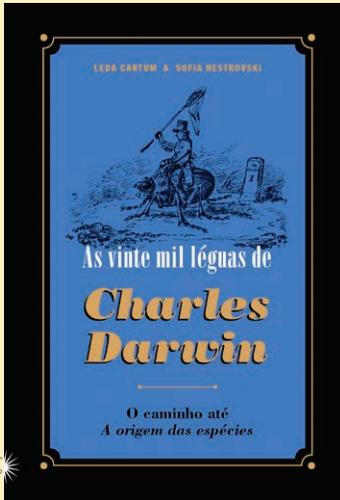
Sala “Darwin e o Brasil”

Criada especialmente pelo Sesc para integrar a exposição, a sala tem curadoria de Leda Cartum e Sofia Nestrovski, além de consultoria de Flávia Natércia, pós-doutora em Divulgação Científica pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O espaço traz uma “coluna do tempo” com mais de dois metros de altura, desenvolvida pelo artista visual Márcio Ambrósio, que possibilita ao visitante olhar para o tempo verticalmente.

O público também poderá conhecer outras eras geológicas do Brasil, por meio de fósseis, da formação dos minerais, da arqueologia indígena, de amostras de terra do próprio Sesc Interlagos e da representação de uma cratera localizada no extremo sul da cidade de São Paulo, onde hoje fica o bairro de Vargem Grande. E saberá também quem foram outros viajantes que visitaram o nosso território, especialmente a região sudeste, séculos atrás.

“Nos propusemos a falar sobre o Brasil através de um olhar darwiniano e fazer uma ampliação do nosso território não tanto no espaço, mas no tempo, para entender que esse lugar onde você está agora já foi muito diferente há 200 milhões de anos, quando existia um supercontinente chamado Pangeia”, diz Sofia.

Leda acrescenta que a última seção da sala dedicada ao Brasil fala sobre o meteorito Bendegó, que foi encontrado no sertão da Bahia em 1784 e, mais de um século depois, levado para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro. “Ele sobreviveu ao incêndio de 2018 e é um símbolo [*de resistência*], pois já enfrentou temperaturas muito mais altas no espaço profundo. E conecta todos os tempos da sala, tem a ver com geologia, com esse tempo antigo, anterior a qualquer coisa, e também com a história do Brasil, do tempo que estamos vivendo agora, após o incêndio”, reflete.



Divulgação

De áudio a livro

Lançado em agosto de 2020, *Vinte mil léguas*, “o podcast de ciências e livros”, é um projeto da revista *Quatro Cinco Um* em parceria com a livraria Megafauna e apoio do Instituto Serrapilheira. Sua primeira temporada, totalmente dedicada a Charles Darwin, tem 12 episódios entre 20 minutos e 1 hora, além de um episódio zero (explicativo) e alguns extras. “O nome faz referência ao livro *Vinte Mil Léguas Submarinas*, de Júlio Verne, que faz um cruzamento entre ciência e literatura, e remete à sensação de uma grande aventura”, explica Leda. Ainda neste ano, essa temporada de estreia vai virar um livro: *As vinte mil léguas de Charles Darwin*, parceria das Edições Sesc São Paulo com a editora Fósforo. A obra será lançada ao longo da exposição *Darwin, o original* e traz uma reelaboração dos roteiros inicialmente escritos para o programa em áudio. Saem a narração e a trilha sonora, entram imagens, citações, entrevistas e boxes informativos. Atualmente, o podcast está em sua segunda temporada, dessa vez dedicada à vida e à obra do naturalista e geógrafo alemão Alexander von Humboldt (1769-1859), que também foi uma importante referência para Charles Darwin.

Leia um trecho do episódio *Um navio com nome de cachorro, parte 2*, do podcast *Vinte mil léguas* [disponível na plataforma de streaming Spotify]:

No Rio de Janeiro, de abril a julho de 1832:

*Todos já ouviram falar da beleza da paisagem de Botafogo. A casa onde morei ficava logo abaixo do conhecido morro do Corcovado [o Cristo só foi para lá um século depois]. Eu costumava olhar as nuvens que vinham do mar e formavam uma massa logo abaixo do ponto mais alto do morro. No final dos dias mais quentes, era delicioso se sentar sozinho no jardim e assistir à tarde se transformar em noite. A natureza nesses climas elege vocalistas mais humildes que os da Europa. Uma pequena rã do gênero *ila* acomoda-se sobre uma folha de grama, cerca de dois centímetros acima da superfície da água, e emite um coaxar agradável. Quando há muitas delas juntas, cantam em harmonia, cada uma, uma nota. Tive certa dificuldade em capturar um espécime dessa rã.*

Confira o roteiro de Darwin no Brasil a bordo do HMS Beagle [HMS significa *Her Majesty's Ship*, prefixo usado pelos navios da marinha britânica]:

Partida: 27/12/1831, do porto de Plymouth, Inglaterra

Local 1: Arquipélago de São Pedro e São Paulo (PE), no Oceano Atlântico

Período: 15/02/1832

Local 2: Fernando de Noronha (PE)

Período: De 19/02 a 21/02/1832

Local 3: Salvador (BA)

Período: 28/02 a 18/03/1832

O que registrou: as belezas da floresta tropical e a escravidão

Local 4: Rio de Janeiro

Período: 4/04 a 5/07/1832

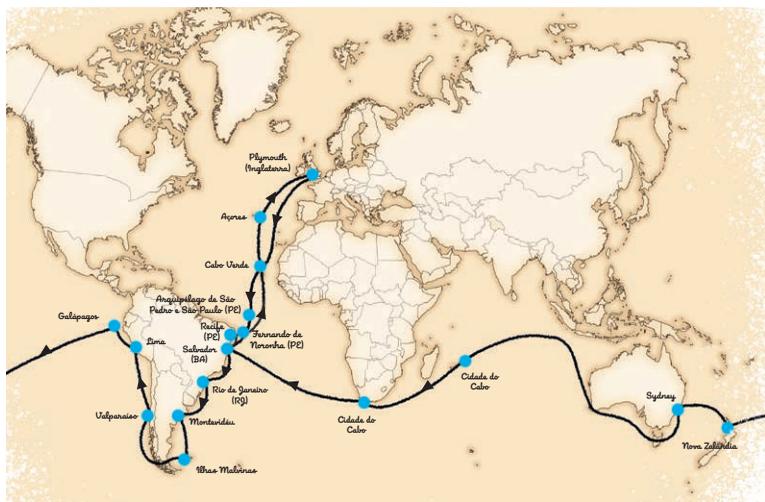
Última parada antes do retorno à Inglaterra: Salvador (BA) e Recife (PE)

Período: Agosto de 1836

Chega em casa (Falmouth, Inglaterra) em 2/10/1836, após quase cinco anos de viagem.



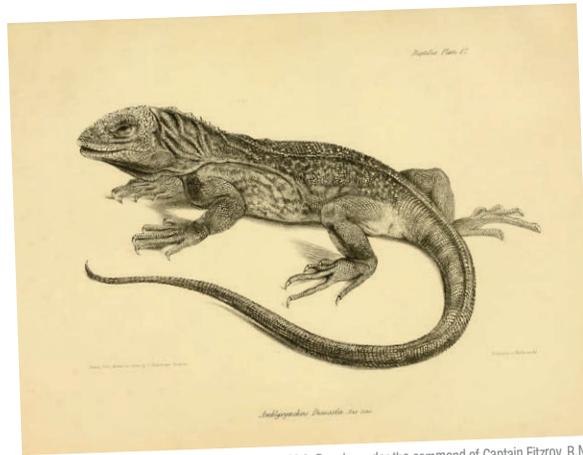
H.M.S. Beagle in Straits of Magellan. Mt. Sarmiento in the Distance, 1980. Freshwater and Marine Image Bank/University of Washington/Public Domain



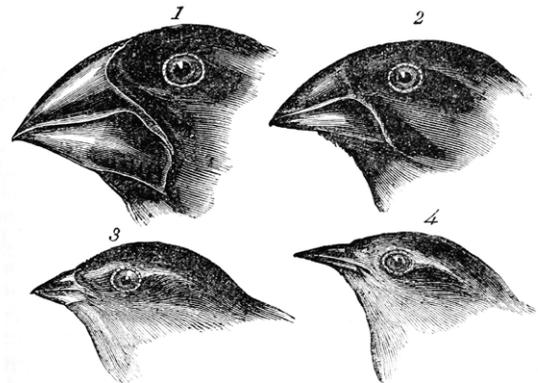
Freepik/Luise Costa

Curiosidades sobre Darwin*:

- Nasceu na pequena cidade inglesa de Shrewsbury, em 12 de fevereiro de 1809
- Passou a infância numa antiga mansão com um imenso jardim, rodeado por bosques
- Foi uma criança observadora, curiosa e ávida por aprender
- Colecionava insetos e minerais, fazia pesquisas na biblioteca de casa e adorava usar o laboratório do irmão Erasmus, onde realizava experiências químicas e misturas estranhas
- Começou a cursar medicina na Escócia, porque o pai e o avô eram médicos. Mas não suportou acompanhar as aulas de anatomia nem as cirurgias, que na época não tinham anestesia, e largou a faculdade
- Foi estudar teologia em Cambridge, onde se matriculou em aulas de botânica
- Soube, por meio de um professor, que um barco daria a volta ao mundo para desenhar mapas das costas da América do Sul e que precisavam de cientistas para catalogar a fauna e flora dessas regiões
- Viu fósseis em Punta Alta, na Argentina, prova de que havia animais que haviam desaparecido da Terra ou se transformado ao longo do tempo
- Encontrou a chave para sua teoria nas Ilhas Galápagos, arquipélago a mil quilômetros do Equador. Estudou diferentes espécies de tentilhões (um pássaro) que se distinguem pela forma e espessura do bico
- Com a sua teoria da evolução, foi possível compreender melhor a história da vida na Terra
- Publicou a primeira edição de *A Origem das Espécies* apenas em 1859, 23 anos após o retorno do Beagle. O livro se tornou um dos mais famosos da história e foi traduzido para diversos idiomas
- Darwin enfrentou a resistência, a incompreensão, a revolta e os preconceitos da sociedade, pois questionava ideias já estabelecidas
- Em 1871, publicou *A Origem do Homem*, para explicar que todos os primatas, incluindo os seres humanos, são da mesma ordem e descendem de um mesmo “parente”. A sociedade inglesa ficou escandalizada, e fizeram até caricaturas de Darwin como um macaco



The zoology of the voyage of H.M.S. Beagle, under the command of Captain Fitzroy, R.N., during the years 1832 to 1836. The Biodiversity Heritage Library/Public Domain



1. *Geospiza magnirostris*.
3. *Geospiza parvula*.

2. *Geospiza fortis*.
4. *Certhidea olivacea*.

Journal of researches into the geology and natural history of the various countries visited by H.M.S. Beagle. The Biodiversity Heritage Library/Public Domain

136

SPECIAL EXPRESSIONS :

CHAP. V.

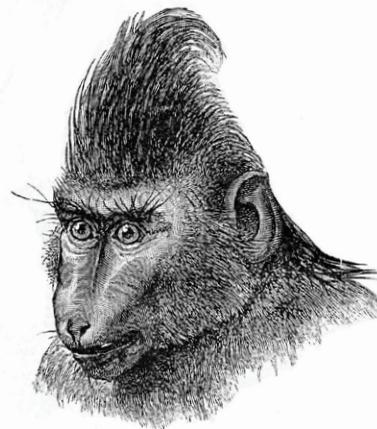


Fig. 16. *Cynopithecus niger*, in a placid condition. Drawn from life by Mr. Wolf.

The expression of the emotions in man and animals. Wellcome Collection/Public Domain

* Fonte: *Coleção Folha Grandes Biografias para Crianças*, volume 7, Charles Darwin - *O cientista que explicou a evolução das espécies*. Publifolha: São Paulo, 2021.



Múltiplas velhices

Em 2022, o Estatuto do Idoso celebra 18 anos no Brasil, assegurando “todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade” para 37,7 milhões de pessoas com 60 anos ou mais da população, de acordo com o Art. 2º. Na prática, porém, há velhices invisibilizadas e negligenciadas pela sociedade e pelo poder público, caso das velhices LGBTQIA+, sigla para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros/travestis, queer, intersexuais e assexuais. “O primeiro ponto dessas dificuldades encontradas se refere ao suporte social que apresentam, aspecto fundamental no seguimento e proteção de pessoas idosas. Como muitos tiveram que viver à margem da sociedade, ou foram obrigados a romper com suas famílias biológicas para serem quem são, apresentam maiores chances de não serem casados, de não terem filhos, de morarem sozinhos e de não apresentarem ninguém para chamar em caso de emergências”, aponta o médico geriatra Milton Crenitte, coordenador do Ambulatório de Sexualidade da Pessoa Idosa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e professor do curso de Medicina da Universidade de São Caetano do Sul. Somam-se também diversos outros aspectos sociais e culturais nesse cenário cujos dados demográficos não foram oficialmente levantados. “Grande parte do que podemos afirmar sobre as condições de vida das pessoas LGBT+ resultam unicamente de observações, impressões pessoais e de relatos de terceiros, que, apesar de verdadeiros em sua essência, carecem de confirmação estatística robusta, capaz de dar sustentação a tão necessárias políticas e ações públicas de proteção e amparo a esse segmento da população”, destaca a psicanalista Letícia Lanz, especialista em Gênero e Sexualidade pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Neste *Em Pauta*, Crenitte e Lanz refletem sobre o tema.

As normas, os tabus e o armário das velhices LGBTQIA+

POR MILTON CRENITTE

“Todos nós nascemos gente, o resto são rótulos. [...] Que venha o que tiver que vir. Não coloco nas mãos de nada nem de ninguém o meu destino. Minha vida é só minha e só eu morrerei com ela.” (NERY 2019, p. 172)

João Nery faleceu, aos 68 anos, dois dias após escrever a última página de seu livro *Velhice Transviada* (Objetiva), em 2018. Foi um importante ativista pelos direitos humanos e o primeiro brasileiro reconhecidamente a realizar uma cirurgia de redesignação sexual em 1977. Inspirou e batalhou para que o envelhecimento fosse um direito de todes. Entretanto, ainda há muito pelo que pleitear.

Infelizmente, a invisibilidade das velhices LGBTQIA+ é uma realidade. Sofrem ao resistir à hetero-cis-normatividade e ao enfrentar o estigma do envelhecimento em uma sociedade gerontofóbica, a qual valoriza aspectos relacionados ao corpo jovem e à juventude. Por isso, alguns estudiosos já relatam que a carga de discriminação com a qual convivem é no mínimo dupla, sem contar outras camadas de opressão baseadas no racismo e na exclusão social.

Intolerância que fere fisicamente, psicologicamente, e que também mata, visto que muitas pessoas da comunidade LGBTQIA+, especialmente mulheres trans e travestis, morrem violentamente antes de chegarem à velhice (no Brasil, por lei, é considerada idosa a pessoa com 60 anos ou mais). Já os que conseguem ultrapassar a marca dos 50 anos, precisam enfrentar as diversas faces da violência contra a pessoa idosa: física, psicológica, sexual, financeira, por negligência ou institucional. O que se especula é que estariam sob um maior risco de ocorrência desses fenômenos e ao mesmo tempo com as menores chances de denunciarem para as autoridades sanitárias ou policiais.

Além disso, todas essas construções socioculturais apresentam consequências sérias no acesso, na promoção da saúde, no acompanhamento de doenças complexas e no fim de suas vidas, prejudicando possibilidades de alcançarem um envelhecimento ativo e bem-sucedido.

O primeiro ponto dessas dificuldades encontradas se refere ao suporte social que apresentam, aspecto fundamental no seguimento e proteção de pessoas idosas. Como muitos tiveram que viver à margem da sociedade ou foram obrigados a romper com suas famílias biológicas para serem quem são, apresentam maiores chances de não serem casados, de não terem filhos, de morarem sozinhos e de não apresentarem ninguém para chamar em caso de emergências.

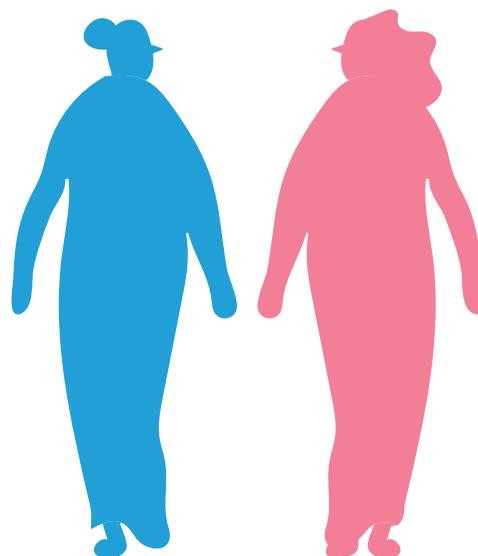
Outro aspecto nesse debate é o acesso desigual aos serviços e unidades de saúde. O medo de sofrer discriminação ou até mesmo experiências prévias negativas nesses locais fazem com que evitem procurar ajuda ou façam apenas em casos de emergência, exemplificando o porquê de mulheres cis lésbicas realizarem menos exames preventivos, como mamografia ou papanicolaou, do que suas contemporâneas heterossexuais ou o porquê de pesquisas evidenciarem que o controle de doenças crônicas como diabetes e depressão não é tão bem realizado por essas pessoas.

MEDO DA SOLIDÃO

Até mesmo no fim de suas vidas a discriminação ocorre, dificultando a obtenção de uma morte digna. Dados internacionais mostram que essas pessoas apresentam mais medo de morrerem sozinhas, com dor ou vítimas de preconceito nessa fase da vida, em comparação com seus contemporâneos heterossexuais e cisgênero.

Essa realidade pode ser até mais desafiadora em instituições de longa permanência para idosos, antigamente conhecidas como “casas de repouso”, onde o respeito à individualidade e à diversidade não são regra, e sim exceção. Lamentavelmente alguns desses locais ainda precisam avançar sobre um tabu antigo que já superamos: o de que pessoas idosas seriam assexuadas, para posteriormente avançar sobre o mito de que todas as velhices seriam heterossexuais e cisgênero.

Nesse contexto, algumas pessoas defendem que esse debate não deveria ser realizado, uma vez que isso poderia aumentar o preconceito ou porque a sociedade não estaria preparada para tal. Porém, durante toda a sua vida, João Nery evidenciou o contrário. Deu exemplos e voz a pessoas brutalmente silenciadas e não teve medo de nomear diferenças e de denunciar injustiças, a fim de reduzir as desigualdades sociais que perversamente marcam os locais que ocupamos na sociedade.



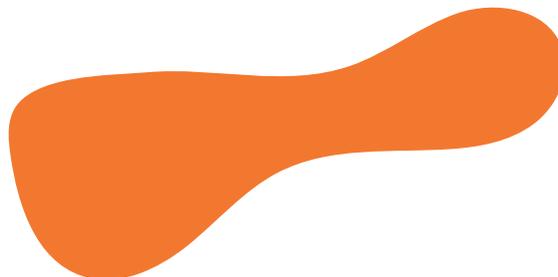
POLÍTICAS PÚBLICAS

Ademais, já existem algumas políticas públicas voltadas para o reconhecimento da orientação sexual e do gênero como determinantes sociais do processo saúde-doença. O que precisamos é garantir a real aplicação de leis já existentes, ocupando e transformando a realidade da macropolítica e também da micropolítica das unidades de saúde, garantindo assim um acesso à saúde sem desigualdades.

Por fim, espaços de debate para rompermos com a invisibilidade das velhices LGBTQIA+ são indispensáveis. Existem vulnerabilidades e diferenças em cada um de nós. Mas se não pararmos para conhecer, nomear e entender tais desigualdades e injustiças, será muito difícil construir uma sociedade mais justa e acolhedora para todes. ■

MILTON ROBERTO FURST CRENITTE

é médico geriatra, coordenador do Ambulatório de Sexualidade da Pessoa Idosa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e professor do Curso de Medicina da Universidade de São Caetano do Sul.



Velhices LGBT+

Cenário atual brasileiro e desafios

POR LETÍCIA LANZ

Começando pela imprecisão do que convencionamos chamar de velhice, é uma tarefa desafiadora descrever, com alguma propriedade, o estado das velhices LGBT+ no Brasil de hoje, assim como fazer projeções da sua condição futura em nosso país. Nem a velhice pode ser considerada uma fase específica e bem delimitada da vida humana, como praticamente nada se sabe, de maneira concreta, com o mínimo de sustentação estatística, quanto às reais condições de vida desse segmento da população. Até agora, houve uma omissão deliberada e um descaso total dos órgãos estatísticos governamentais das três esferas em incluir nos seus levantamentos mesmo as questões mais elementares sobre orientação sexual e identidade de gênero da população brasileira. De modo que não temos ideia exata nem ao menos de quantas pessoas LGBT+ existem no país, como tampouco sabemos como se distribuem em termos de sexo, idade, escolaridade e renda.

Grande parte do que podemos afirmar sobre as condições de vida das pessoas LGBT+ resultam unicamente de observações e impressões pessoais e de relatos de terceiros, que, apesar de verdadeiros em sua essência, carecem de confirmação estatística robusta, capaz de dar sustentação a tão necessárias políticas e ações públicas de proteção e amparo a esse segmento da população.

A velhice não é a mesma nem chega na mesma época para toda e qualquer pessoa, não podendo, portanto, ser entendida como uma fase única e específica na vida de todos os indivíduos, determinada por rígidas ocorrências biológicas e sociais. Pelo contrário, a velhice deve ser vista como um processo marcadamente pessoal, dentro da realidade específica em que cada pessoa envelhece. Uma travesti de 40 anos já pode ser considerada velha, tendo em vista que a média de sobrevivência nessa categoria identitária não passa dos 35 anos, como constam das poucas estatísticas disponíveis. Simplificadamente, para efeito deste texto, chamarei de velhice o período de vida de uma pessoa que, convencionalmente, no Brasil, para diversos tipos de efeitos jurídicos e práticos, se inicia aos 60 anos.

Mesmo diante dos importantes avanços e conquistas dos últimos 30 anos, das formas de orientação sexual não heterossexuais, assim como das identidades de gênero fora do binário oficial masculino-feminino, em pleno século 21, a população LGBT+ não só continua sendo tratada de maneira reacionária, preconceituosa, desrespeitosa e/ou violenta, como esses expedientes têm se intensificado de maneira significativa nos últimos tempos. Embora o estigma paira sobre toda a população LGBT+, independentemente de idade, gênero, raça e classe social, seus efeitos cruéis são sentidos com muito maior intensidade nos seus segmentos mais vulneráveis – pessoas LGBT+ pobres, pretas, periféricas, portadoras de necessidades especiais – e, naturalmente, “velhices LGBT+”.

Nesse segmento, o estigma da velhice, que já tem um peso exorbitante na nossa sociedade, se une ao peso do estigma das sexualidades não heterossexuais e das identidades de gênero fora do binário masculino-feminino para produzir um quadro de ampla marginalização, abandono e exclusão das pessoas. Como resultado, consegue ser ainda mais cruel e impiedoso com as velhices LGBT+. A cis-heterossexualidade institucionalizada impede que as velhices LGBT+ tenham acesso a serviços de saúde adequados e de qualidade ou usufruam de habitação ou abrigo a preços que caibam nos seus orçamentos.

Muitas velhices LGBT+ voltam para o armário, reforçando o isolamento social e o desamparo social de que são vítimas. Pior ainda: as velhices LGBT+ vivenciam esse isolamento e desamparo social dentro da própria comunidade LGBT+. Em qualquer fase da vida, uma existência plena é aquela que possibilita à pessoa expressar livremente, sem bloqueios nem culpa, todas as dimensões do seu ser, o que inclui naturalmente poder assumir e expressar a sua orientação sexual e a sua identidade de gênero.

A partir de agora, quero apresentar considerações acerca de seis fatores que influenciam radicalmente o bem-estar – assim como o mal-estar – das velhices LGBT+: Solidão e abandono; Indigência financeira; Saúde; Habitação e Redes sociais de proteção.

SOLIDÃO E ABANDONO

A solidão é tão devastadora quanto inevitável para a maioria das velhices LGBTQ+. Pelo estilo de vida independente e solitário que adotam, muitas pessoas LGBTQ+ não desejam, não conseguem ou não se esforçam para manter relações sexuais e afetivas estáveis com uma mesma pessoa ao longo da vida. Ainda é muito recente a tendência de formação de casais homoafetivos dispostos a constituir famílias duradouras, inclusive com filhos, que fortalecem os vínculos e as responsabilidades do casal. Por sua vez, pessoas transgêneras – travestis e transexuais –, ainda que desejem muito formar famílias, dividindo a vida com outra pessoa, frequentemente se queixam de não encontrar os pares afetivos com quem gostariam de passar o resto dos seus dias. O resultado disso é que grande parte das pessoas LGBTQ+ reconhece, quase como fato trágico e definitivo, que vai estar sozinha no fim da vida.

Algumas velhices LGBTQ+ têm a sorte de serem acompanhadas e assistidas por parentes próximos, como irmãs, irmãos, sobrinhas e sobrinhos, mas a maioria não tem ninguém com quem contar. No máximo, poderão recorrer a antigas amizades, que nem sempre estarão disponíveis quando precisarem delas.

Além desses efeitos sociais tão adversos, o isolamento e o abandono em que vivem muitas velhices LGBTQ+ têm um impacto profundo na sua saúde física e mental. Sentir-se sozinha e vulnerável pode levar à depressão e ao declínio progressivo da saúde física e do bem-estar de uma pessoa, com o agravante de que sair sozinha da solidão é uma barreira quase intransponível para uma pessoa mais velha que se encontra só. Por orgulho, pessoas idosas tendem a não pedir ajuda, achando que devem dar conta sozinhas de tocar suas vidas, ao mesmo tempo que sentem vergonha da sua própria solidão.



INDIGÊNCIA FINANCEIRA

Dinheiro é um tema crucial em todas as fases da vida de qualquer pessoa, que pode se tornar particularmente espinhoso na velhice. Muito mais do que pessoas jovens, pessoas idosas lutam para sobreviver com um orçamento apertado. É preciso fazer malabarismos para fazer caber aumentos sucessivos nas contas de moradia, alimentação, saúde e transporte, sem ter nenhum aumento correspondente nas suas pensões e aposentadorias.

Assim, além de enfrentarem a exclusão, a invisibilização e o abandono, grande parte das velhices LGBTQ+ sofre de indigência financeira. Embora também seja comum entre jovens LGBTQ+, devido principalmente à falta de oportunidades que experimentam no mercado de trabalho, essa indigência financeira pode se tornar crônica entre as velhices LGBTQ+.

SAÚDE

Qualquer que seja a faixa etária em que se encontre, é no quesito de saúde física e mental que a população LGBTQ+ necessita de maior atenção do poder público, por meio da definição e implementação de políticas de acesso amplo a serviços de saúde especializados e de qualidade, planejados e oferecidos de acordo com os recortes raciais, econômicos e educacionais desse público. É, contudo, nas velhices LGBTQ+ que políticas públicas na área de saúde física e mental se tornam realmente indispensáveis.

É muito grande o número de pessoas LGBTQ+ que resistem ao máximo a visitar profissionais de saúde. E, sinceramente, têm sérias razões para isso. Nenhuma

faculdade de medicina, pelo menos no Brasil, instrui seus alunos em aspectos específicos da conduta médica em caso de pessoas LGBTQ+. Devido a essa falta de instrução e orientação adequadas das academias quanto aos procedimentos específicos e ao comportamento a ser adotado no atendimento à população LGBTQ+, muitos têm receios de procurar um médico ou médica e se abrir com ele ou ela, expondo com exatidão as suas condições de vida e os seus sintomas. A expectativa da maioria é de receber uma assistência médica ruim, inadequada e muitas vezes moralista, discriminatória e preconceituosa.

POR ORGULHO,
PESSOAS IDOSAS
TENDEM A NÃO PEDIR
AJUDA, ACHANDO QUE
DEVEM DAR CONTA
SOZINHAS DE TOCAR
SUAS VIDAS, AO MESMO
TEMPO QUE SENTEM
VERGONHA DA SUA
PRÓPRIA SOLIDÃO

HABITAÇÃO

Poder desfrutar de habitação eficiente e segura, algo difícil até para pessoas idosas que têm posses, torna-se uma luta exaustiva e penosa para pessoas idosas pobres, podendo ser ainda mais cruel e desesperadora para as velhices LGBTQ+. As casas, na sua maioria, não são sequer preparadas para as limitações de movimento das pessoas idosas e as famílias, na sua maioria, cuidam das suas velhices sem nenhuma vontade ou preparo, de modo quase sempre improvisado e precário. Os poderes públicos não disponibilizam instituições de longa permanência públicas adequadas, em qualidade e quantidade, para acolhimento de pessoas idosas carentes, restrição que piora significativamente quando se trata de velhices LGBTQ+.

Constantemente, velhices LGBTQ+ reportam o descaso, o abandono e até o repúdio com que são recebidas e tratadas em instituições de longa permanência públicas, da mesma forma que é comum reportarem dificuldades e interdições para alugarem quartos e imóveis. Mesmo tendo recursos, ainda é muito comum o preconceito e a discriminação de senhorios e da vizinhança com relação a pessoas LGBTQ+.

REDES SOCIAIS DE PROTEÇÃO

Rede de proteção é o conjunto de pessoas, profissionais e instituições públicas e privadas interagindo e atuando a maior parte do tempo de modo virtual (especialmente nesses tempos de pandemia) para garantia de direitos, acolhimento e amparo a grupos identitários e segmentos sociais específicos. Com todas as limitações, equívocos e engodos possíveis, a internet inaugurou uma era de “redes virtuais de proteção”. Minorias socialmente estigmatizadas e discriminadas, como é o caso das velhices LGBTQ+, têm nessas novas redes sociais virtuais um aliado fortíssimo não apenas no resgate e na defesa dos seus direitos, mas também na formação de grupos de apoio, proteção e convivência. De uma forma ou de outra, é necessário cultivar essas novas redes, sem abrir mão das antigas, formadas por companheiros e companheiras de convívio mais próximo dentro do gueto LGBTQ+.

Indiscutivelmente, o futuro das velhices LGBTQ+ no Brasil é inseparável do futuro de todos os demais segmentos da população LGBTQ+. Mas, assim como a população do país está envelhecendo a olhos vistos, a parcela de pessoas LGBTQ+ idosas continuará aumentando substancialmente daqui para a frente, fazendo com que a luta por um tratamento digno e respeitoso às velhices LGBTQ+ constitua uma das frentes mais relevantes de atuação do movimento LGBTQ+ nos próximos anos. ■

LETÍCIA LANZ DE SOUZA, 70 anos, psicanalista, pensadora e poeta, mestre em Ciências Sociais-Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Especialista em Gênero e Sexualidade pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Entre seus livros publicados, está o recém-lançado *A Construção de Mim Mesma: Uma História de Transição de Gênero* (Objetiva, 2021). Desde 2006, mantém o blog [Arquivo Transgênero](#), com textos sobre transgeneridade, diversidade de gênero e identidades gênero-divergentes.



lançamento Selo Sesc

flor do milênio

**JAQUES MORELENBAUM
CELLOSAM3TRIO**

com Lula Galvão e Rafael Barata
participações especiais de
Cristovão Bastos, Carlos Malta e Zeca Assumpção



O segundo álbum do trio liderado por Jaques Morelenbaum apresenta faixas autorais, parcerias e composições consagradas de Chico Buarque e Dorival Caymmi.

DISPONÍVEL A PARTIR DE 4 DE MARÇO

Sesc
digital



selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja



/selosesc



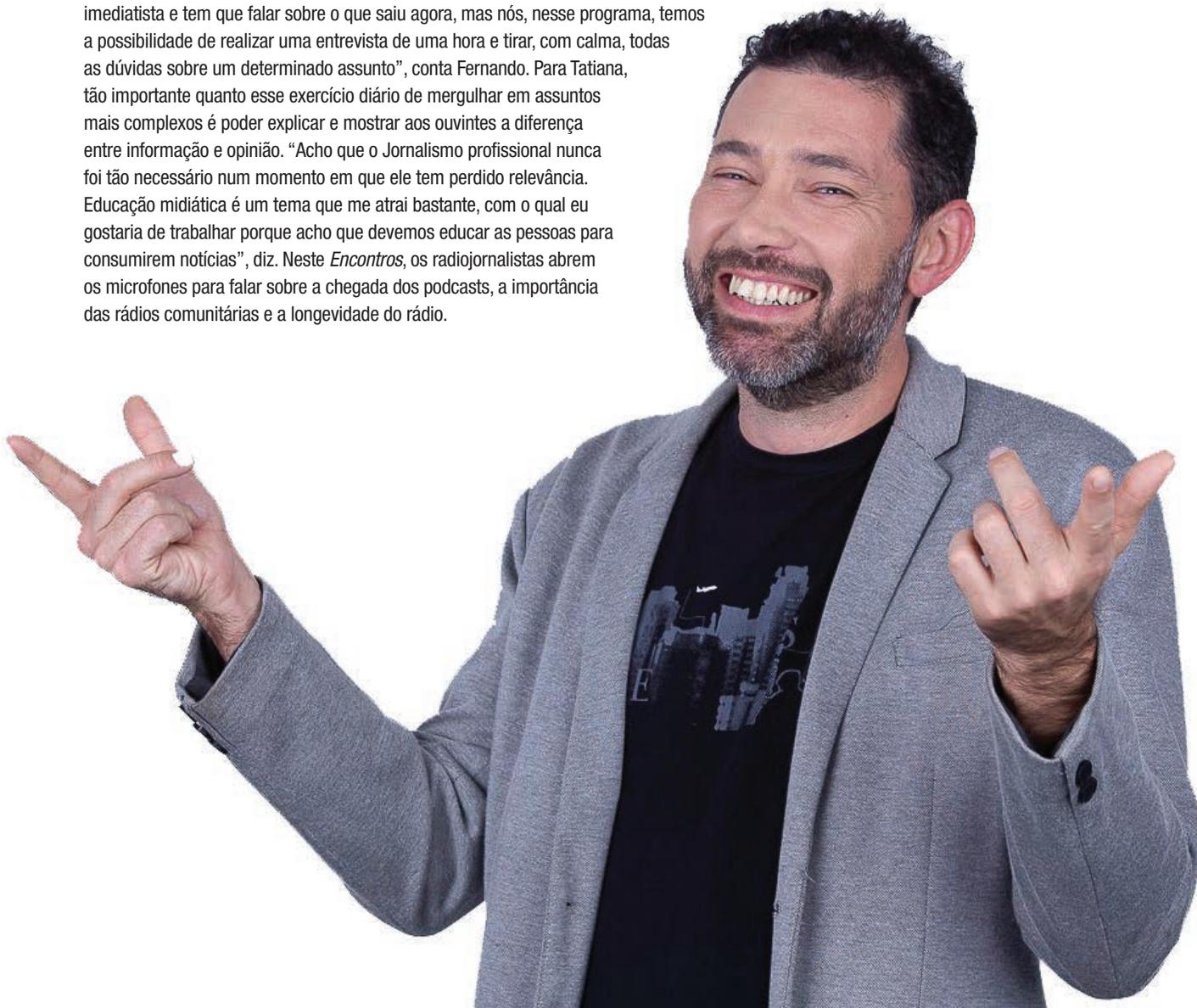
Nos bastidores do rádio

DUPLA DE JORNALISTAS E APRESENTADORES DO PROGRAMA *ESTÚDIO CBN* FALAM SOBRE CARREIRA, SINTONIA, NOVOS FORMATOS E EDUCAÇÃO MIDIÁTICA



moahmed Hassan/Pixabay

De colegas de classe na faculdade a apresentadores do *Estúdio CBN*, há cinco anos Tatiana Vasconcellos e Fernando Andrade compartilham a mesma bancada – ainda que literalmente, já que, na pandemia, os jornalistas gravaram da própria casa. De segunda a sexta-feira, das 14h às 17h, a dupla entra no ar com notícias e, principalmente, análises aprofundadas sobre temas do cotidiano. “O rádio é imediatista e tem que falar sobre o que saiu agora, mas nós, nesse programa, temos a possibilidade de realizar uma entrevista de uma hora e tirar, com calma, todas as dúvidas sobre um determinado assunto”, conta Fernando. Para Tatiana, tão importante quanto esse exercício diário de mergulhar em assuntos mais complexos é poder explicar e mostrar aos ouvintes a diferença entre informação e opinião. “Acho que o Jornalismo profissional nunca foi tão necessário num momento em que ele tem perdido relevância. Educação midiática é um tema que me atrai bastante, com o qual eu gostaria de trabalhar porque acho que devemos educar as pessoas para consumirem notícias”, diz. Neste *Encontros*, os radiojornalistas abrem os microfones para falar sobre a chegada dos podcasts, a importância das rádios comunitárias e a longevidade do rádio.



CBN/Divulgação

ESCOLHA DA PROFISSÃO

T.V.: Acho que quem escolhe uma carreira e se dá bem nela é porque teve sorte. Os interesses na vida mudam, inclusive os profissionais. Então, eu sempre penso nisso: que bom que eu gosto de ser jornalista e que bom que eu acertei. Na adolescência, quis ser muitas coisas antes de querer ser jornalista. Eu era atleta, então, eu pendia um pouco para a área de Educação Física e ainda pensei em fazer Fisioterapia. Mas, também pensei em fazer Arquitetura. A escolha do Jornalismo foi pela minha oratória, porque sempre fui falante, sempre gostei bastante de escrever e achava que estava tudo errado no mundo. Então, algo que juntava tudo isso era o Jornalismo.

F.A.: Aliás, a Tati e eu estudamos juntos (Jornalismo), na mesma sala, na mesma faculdade (Universidade São Judas, no bairro da Mooca) e nos formamos na mesma turma há mais de 20 anos. No meu caso, quando eu tinha 17 anos, as amigas da minha irmã mais velha me falavam que eu tinha uma voz linda. E aquilo me pegava de uma tal maneira que fui fazer curso de rádio no Senac. Daí, eu pensei: quero juntar rádio com mais alguma coisa e eu fui para o Jornalismo. Cheguei a trabalhar numa rádio de shopping. Aquela rádio que ninguém ouve porque você fica lá trocando as músicas, faz um comercial ou outro e anuncia o veículo no estacionamento que está com algum problema. Foi aí que comecei a pegar gosto pela coisa e achava o máximo falar pelo microfone. Fiz Jornalismo, fiz um curso de inglês fora do país, voltei e entrei na CBN em 2002 como trainee e ela foi minha verdadeira escola de Jornalismo. Quando eu cheguei na CBN a Tati já estava desde 2000. Fui repórter, apurador, editor, chefe de reportagem e comecei a apresentar. Passei por todos os setores da rádio. Não tive nem como desviar do Jornalismo e do rádio. Sou apaixonado pelo que faço.

O RÁDIO JÁ TEVE SUA MORTE
DECRETADA MUITAS VEZES. E
NA VERDADE, O QUE O RÁDIO
SEMPRE FEZ FOI SE INCORPORAR
NESSAS OUTRAS MÍDIAS E SE
TRANSFORMAR COM ESSAS
NOVAS TECNOLOGIAS

(TATIANA VASCONCELLOS)



Foto: Alex Baillista



Katherine Gomez/
Pixabay

CAIU NAS REDES

T.V.: O rádio já teve sua morte decretada muitas vezes. Quando a tevê apareceu, quando a internet apareceu... E na verdade, o que o rádio sempre fez foi se incorporar nessas outras mídias e se transformar com essas novas tecnologias. O Fernando e eu trabalhamos com rádio desde antes dessa revolução tecnológica. Eu gravava matérias no cartucho, no “fitão” mesmo. Depois de velha, eu tive que aprender ferramentas que hoje os repórteres já nasceram sabendo, inseridos nessa lógica. O que eu sempre falo sobre o rádio e que a característica mais importante dentro da revolução tecnológica – e não à toa os podcasts se proliferaram desse jeito – é que a produção de conteúdo em áudio é algo que você pode consumir fazendo outras coisas. Nenhum outro meio de comunicação permite isso. A internet, você tem que estar ali olhando, lendo. Na tevê é a mesma coisa. Já no rádio, vou pedalando para o trabalho e ouvindo notícias. Nesse sentido, o podcast é a mesma coisa que o rádio: um conteúdo que você transmite e que o seu ouvinte consome podendo fazer outras coisas ao mesmo tempo. Esta sempre foi a característica principal do rádio e foi ela que permitiu aos podcasts explodirem desse jeito não só aqui, mas também no mundo. Outra característica é que o rádio sempre foi imediato. O veículo mais rápido é o rádio. Você precisa de um telefone ou de um orelhão para entrar no ar e transmitir uma informação. Nos blogs e sites não é assim, na tevê muito menos, porque precisa de um aparato tecnológico muito mais complexo. O rádio não: ele é dinâmico nesse sentido e com as redes sociais ficou ainda mais rápido. Mesmo antes das redes sociais, com o e-mail, eu já sentia essa diferença.

COM CALMA

F.A.: Muitas coisas que fazemos estão ali na pauta que a gente produz. Outras coisas não estão e a gente produz ao interagir no programa. Começamos o Estúdio CBN às duas da tarde, e a primeira meia hora do programa é um trabalho com todas as chefias de reportagem, sobre os principais assuntos que os repórteres estão cobrindo. Então, na primeira meia hora, conversamos com os repórteres. Depois, fazemos uma entrevista de uma hora. O rádio é imediatista e tem que falar sobre o que saiu agora, mas nós, nesse programa, temos a possibilidade de realizar uma entrevista de uma hora e tirar, com calma, todas as dúvidas sobre um determinado assunto. Tati e eu juntamos nossas pautas de perguntas e assim fazemos a entrevista. Há cinco anos fazemos isso e hoje um já sabe o que o outro vai falar. Esse é o ouro do nosso programa: uma grande entrevista diária com muita análise, com perguntas difíceis.

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA

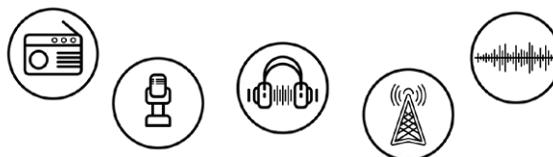
T.V.: Acho que o Jornalismo profissional nunca foi tão necessário num momento em que ele tem perdido relevância. Educação midiática é um tema que me atrai bastante, com o qual eu gostaria de trabalhar porque acho que devemos educar as pessoas para consumir notícias. Até para as pessoas serem capazes de diferenciar o que é notícia do que não é. O que é uma reportagem, o que é uma coluna, o que é uma opinião e o que é uma informação.

F.A.: A gente já chegou a fazer programas para explicar o que é uma crônica, o que é uma reportagem... Explicar o bê a bá do que é cada coisa porque muita gente ainda tem dificuldade para entender. É algo necessário. Já gastamos muitas horas de programa para explicar para os nossos ouvintes.

TRABALHO EM DUPLA

F.A.: Não tem uma fórmula. Temos muitas semelhanças no que pensamos, como agimos e nas bandeiras que temos.

T.V.: É igual a andar de bicicleta, eu acho. Quando eu cheguei, o Fernando já fazia esse horário, então, ele tinha, apesar do programa ter mudado muito, ele já estava acostumado a apresentar sozinho ou no máximo como locutor, aí eu cheguei. Então, eu me lembro de ter reencontrado o Fernando – já trabalhamos antes –, mas nessa nova reunião, conversamos sobre o programa: “É. A gente que vai carregar o piano. Estamos juntos”. A gente tem afinidade. Acho que não tem como explicar: tem a ver com o jeito como entendemos o Jornalismo, como a gente olha para o mundo, o que a gente persegue no mundo e o que a gente acha essencial.



EU TENHO VISTO O MOVIMENTO DE UMA
JUVENTUDE NAS PERIFERIAS ABRAÇANDO
ESSE BURACO INFORMACIONAL E
COLOCANDO CONTEÚDO VIA RÁDIO,
INTERNET OU JORNAL DE BAIRRO

(FERNANDO ANDRADE)



CBN/Divulgação

FORÇA DO RÁDIO

F.A.: Tem uma frase bem legal que diz que quando a internet acabar, quem vai anunciar é o rádio. Porque o rádio não vai acabar, ele vai sempre se reinventar. O rádio é simples: está no seu celular, no carro, no rádio à pilha... Em qualquer lugar. Me lembro que quando eu dava aula no Senac lá em 2000 e pouco, eu já falava para os alunos pensarem em podcast. Eu gastava uma baita energia naquela época falando de podcast, mas a gente não tinha pacote de dados. Ninguém conseguia pegar o celular e sair gastando dados. Aí, depois de muito tempo, conseguimos dados e, hoje, o rádio está na nossa mão.

RÁDIOS COMUNITÁRIAS

T.V.: Em 2014, eu fui fazer uma oficina de entrevista para podcast. Lembrando que há uma discussão: podcast é uma linguagem ou um formato? Para mim é um formato. São vários os modelos de podcast: a mesa redonda, a grande reportagem, o documentário em áudio. Vários jeitos de fazer um podcast, várias linguagens. Então, lá atrás, eu fazia uma oficina de entrevista com ex-alunos de uma escola de comunicação no Campo Limpo: Escola de Notícias do Tony Marlon, um método que ele desenvolveu e implementou com jovens e adolescentes da periferia do Campo Limpo. A gente passou um ano produzindo, fazendo, editando e subindo essas entrevistas em formato podcast num site chamado *Periferia em Movimento*. Essas entrevistas eram feitas necessariamente com figuras da região. Então, a oficina também passava pela escolha de quem a gente ia entrevistar, de quem é que produz saber nessa região e que tem o que dizer. Isso nada mais era do que a produção de conteúdo jornalístico em áudio para falar de pessoas da periferia de saberes que são produzidos pela periferia para as pessoas da periferia. Eu acredito nisso e acho que esse é um instrumento que tem sido bastante usado hoje.

F.A.: O jornalista Ricardo Gandour, que já foi nosso diretor, escreveu uma tese e lançou um livro sobre os buracos informacionais que temos no Brasil hoje. São lugares onde o jornal local acabou, a rádio local virou evangélica, não tem revista e nada. Então, políticos abraçaram esses locais via Facebook e via outras redes sociais. São eles quem estão dando a toada das notícias do que acha importante para eles. Isso tem sido feito há muito tempo, só que eu tenho visto o movimento de uma juventude nas periferias abraçando esse buraco informacional e colocando conteúdo via rádio, internet ou jornal de bairro. E esses buracos informacionais que existem hoje precisam ser preenchidos por essas figuras da periferia que têm o que dizer. ■

TATIANA VASCONCELLOS E FERNANDO ANDRADE
estiveram presentes na reunião virtual do Conselho Editorial da
Revista E no dia 26 de janeiro de 2022.

Assista ao vídeo deste
**Encontros com Tatiana Vasconcellos
e Fernando Andrade.**

Ministério do Turismo, Sesc e Magazine Luiza apresentam

A vida, as teorias e o legado da produção científica do naturalista, biólogo e geólogo inglês Charles Darwin.

Uma exposição com peças audiovisuais, maquetes e obras interativas.

DARWIN O ORIGINAL

De 05 de março a
11 de dezembro de 2022

Agendamento de visitas
para grupos:

sescsp.org.br/agendamentointerlagos

Sesc Interlagos

    /SescInterlagos



idealização



realização

em colaboração com



Muséum
National
d'Histoire
Naturelle

apoio



patrocínio

magazineLuiza



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO





Eterno retorno

ATRIZ COMPARTILHA EXPERIÊNCIA NO CENTRO DE PESQUISA TEATRAL
DURANTE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA PROTAGONISTA DE
TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA, SOB DIREÇÃO DE ANTUNES FILHO

Entre interpretar uma amiga de Chapeuzinho Vermelho, na peça *Nova Velha Estória*, e a prostituta Geni, protagonista de *Toda Nudez Será Castigada*, a atriz paulistana Ondina Clais percorreu mais de duas décadas. Dirigida por Antunes Filho (1929-2019) na adaptação do conto de fadas clássico, em 1991, a então bailarina de apenas 21 anos começou sua trajetória cênica no Centro de Pesquisa Teatral (CPT) do Sesc São Paulo, e foi para lá que retornou em 2012, a convite do próprio Antunes, para a montagem comemorativa do centenário de Nelson Rodrigues (1912-1980) e dos 30 anos do CPT. Graduada em Comunicação e Artes do Corpo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Ondina já tinha experiência com a obra rodriguiana ao encarnar três personagens femininas em *17 x Nelson – Parte 2: Se Não É Eterno Não É Amor*, de Nelson Baskerville, em 2006. Neste *Depoimento*, a atriz de 51 anos – que em 2015 virou diretora artística da Companhia da Memória e já integrou o elenco de produções audiovisuais como *Sessão de Terapia* (2014), do GNT, *Coisa mais linda* (2019), da Netflix, *Meu Amigo Hindu* (2016), de Hector Babenco, e *O Filme da Minha Vida* (2017), de Selton Mello – abre seu baú de recordações, em entrevista concedida ao Sesc Memórias em dezembro de 2021, para reviver e compartilhar os momentos que passou no CPT ao lado do mestre Antunes Filho.

CONVITE INESPERADO

Quando Antunes me chamou para fazer a Geni, fiquei surpresa porque eu nunca pensei que pudesse fazê-la. Era uma personagem de Nelson Rodrigues que estava um tanto distante de mim. E aí ele me explicou o que via na Geni: pureza, ingenuidade. Para ele, ela era um *Pierrot Lumaire* [ciclo de canções melodramáticas composto pelo austríaco Arnold Schönberg em 1912]. Tive esse presente de poder pisar aqui (no CPT) de novo, num momento em que já não esperava mais. Eu tinha encontrado outros caminhos no teatro e nem sonhava voltar mais para cá. Nesse momento, eu entendi por que ele me chamou. Ele vai fazer um “eterno retorno” [teoria de que o universo e toda a existência e energia são recorrentes, ou seja, de que há um padrão cíclico de acontecimentos ao longo do tempo]. Ele traz coisas da montagem original completamente revisitadas pela

própria trajetória dele, traz uma atriz que pegou essa virada dos anos 1990, essa experimentação – eu tenho isso na carne, na memória, na vivência. E ele falou: “Não sei se vai dar certo, mas nós vamos tentar”. Foi ótimo! E a gente começou montando 20 minutos para o **Mirada**. “Se der certo, a gente monta.” E foi excelente poder encontrá-lo e ainda fazer um trabalho com ele, através da vivência da Geni.



FOI UM MOMENTO MUITO AGRACIADO,
PORQUE TINHA PASSADO O TEMPO, O
BENDITO TEMPO, E EU PUDE FAZER A GENI
QUE ELE (ANTUNES FILHO) QUERIA

COMPOSIÇÃO DA PERSONAGEM

Revisitei bastante a minha infância no interior, os meus pés na terra roxa, quando eu ia para a estrada dos canaviais. Uma vez, eu contei uma memória que eu tinha sobre os meus sapatinhos brancos sujos de terra, e ele [Antunes Filho] disse: “É isso, é por aí, é aí que ela está”. Acho que dá para ver bem algumas facetas da Geni se você levar em conta com quem ela está em cena. Com o Patrício [irmão de Herculano], ela tem uma pegada. Com o Herculano, você já vê uma outra Geni, cheia de variações. E, com o Serginho [filho de Herculano], ela mostra outro lugar. É um lugar bem mais infantil, ingênuo, de criança mesmo. Dá para ver na cena em que ela visita o Serginho no hospital. Geni era muito próxima da personagem Sônia, do romance *Crime e Castigo*, do Dostoiévski [escritor russo Fiódor Dostoiévski, 1821-1881]. Isso para mim foi uma revelação: partir da pureza para chegar numa prostituta... E foi assim que a gente começou a criação da Geni. O Antunes era completamente apaixonado por Dostoiévski, e o Nelson Rodrigues também. A gente pode perceber estruturas análogas nas obras *Toda Nudez*, *Crime e Castigo* e em *A Dócil* [novela escrita por Dostoiévski em 1876], na cena do beijo nos pés.

OUTRA FACE DA LUA

Antunes disse que, nesse momento, ele queria experimentar uma outra Geni, que nascia daquela [original]. Mas ela era uma outra face da Lua. Tem essa referência também explícita à Lua, ao ciclo lunar da mulher, em que a Geni fala: “Herculano, você ficou 28 dias sem me telefonar”. Aí o Antunes falava: “Olha lá, 28 dias, é o ciclo lunar, é o ciclo da mulher”. É o sangue, o sangue da vida e também da morte. É esse lugar do feminino que o Antunes gostava tanto de mostrar em suas peças. Esse lugar branco, iluminado, imaculado. Esse *yin* [princípio da filosofia chinesa que representa a Lua, o frio, a escuridão e as manifestações passivas], como ele dizia: o yin da Terra.

INSPIRAÇÕES PARA A MONTAGEM

Antunes queria fazer uma montagem baseada naquela que ele havia feito [em 1991], mas completamente diferente. Com corte, muito cinematográfica e muito precisa, que tivesse no máximo uma hora. E ele usava muita coisa de *Nova Velha Estória* [adaptação do conto da *Chapeuzinho Vermelho*]. Não era explícito, mas implícito tinha a partitura do *Nova Velha Estória*. Tinha uma faixa [no chão] onde o dançarino de tango dança, que é a faixa vermelha do *Velha Nova Estória*. (...) Antunes [também] pega lá de 1984 uma montagem que fez logo depois de *Macunaíma* e traz aquilo. Ele falou: “Pena que não dá para montar as duas”. A [peça] original era Nelson 2 Rodrigues, [que incluía] *Toda Nudez* e *Vestido de Noiva*. Era muito lindo! E ele monta só *Toda Nudez*, que não foi “só”. Foi trabalhoso e interessante.



Foto: Pequillo. Acervo Sesc Memórias

◀ Chapeuzinho e suas amigas em cena de *Nova Velha Estória*, 1991

REENCONTRO MADURO

Experimentei [em 2012] um Antunes diferente na metodologia – claro que, comigo, ele pedia três coisas que eu já sabia de onde ele estava trazendo, muita coisa da marcação e do corte da *Nova Velha Estória*, com outro corpo, óbvio, outra personagem. Então, ele me pedia e tinha certeza de que eu saberia dar aquilo. E também, não só tecnicamente, eu vi um Antunes muito diferente, muito amadurecido. Muito mais doce, tranquilo nos ensaios. Ele trazia as anotações porque era uma montagem em que ele já sabia o que ia fazer. A gente não estava experimentando nada novo. E tinha pouco tempo, como é nas companhias internacionais. Um mês e meio para uma montagem, porque os atores têm escola, eles já vêm de uma técnica, então [o diretor] monta. Não precisa da formação. O Antunes é que passa por essa formação dos atores. Demora, às vezes, até chegar onde ele quer. Ele tinha passado por uma transformação interessante. E para mim foi um momento muito agraciado, porque tinha passado o tempo. O bendito do tempo. E eu pude fazer a Geni que ele queria. Foi a primeira vez que vi o Antunes com um papelzinho [na mão]. Ele vinha com as cenas prontas. Ele já sabia

o que queria. Eu estava acostumada com um Antunes que pesquisava, pesquisava, a gente passava aqui [no CPT] seis, sete meses. Em que lugar do Brasil você pode passar todo esse tempo ensaiando? É impensável! Então, quando um projeto estreava, a gente já estava aqui, onde as dimensões são excelentes e parecidas com as do [Teatro] Anchieta. Na minha época, a gente ainda tinha a oportunidade de ficar dez dias no Anchieta, vazio pra gente. Imagina! Hoje ter dez dias no Anchieta? Mas a gente tinha esse tempo. As obras já nasciam muito bem experimentadas. No *Toda Nudez*, já tinham se passado 30 anos! Ele [Antunes] já estava num outro timing também, e me trouxe porque, também, eu tinha vivido, eu respondia... Naquele momento da minha vida, ele queria experimentar, queria ver se eu podia responder àquilo que ele tinha na cabeça. E foi aí que eu voltei para cá e vivi essa última experiência que tive com ele. Cheguei a ensaiar o Thornton Wilder [escritor norte-americano que viveu entre 1897 e 1975 e ganhou três prêmios Pulitzer – cuja obra *Nossa Cidade* foi montada por Antunes Filho em 2014], também foi um momento muito bonito, mas que eu acabei não estreando. ■



Emídio Luisi

Toda Nudez Será Castigada conta a história do viúvo conservador Herculano, que após perder a mulher promete ao filho Serginho que nunca mais vai se casar. Porém, levado pelo irmão Patrício a um bordel, o homem conhece e se apaixona pela prostituta Geni, que se envolve também com o filho dele, num triângulo amoroso. A peça é narrada pela protagonista, que já está morta, mas deixa uma gravação detalhada sobre sua vida. A peça trata de temas como conflitos familiares, paixões, dramas psicológicos, traição e vingança.

*O espetáculo *Toda Nudez Será Castigada* pode ser assistido na íntegra no acervo Antunes Filho do Sesc Digital. Na plataforma, também há informações sobre outras obras do diretor, depoimentos de outros artistas que trabalharam com ele e bastidores do Centro de Pesquisa Teatral (CPT) do Sesc São Paulo. Confira: sesc.digital/colecao/colecoes-e-acervos-historicos-cpt-toda-nudez-sera-castigada.

SEI NÃO

Tudo que sei
é que à medida
que sei mais sei
cada vez menos

de tudo mais
posto que além do
mais tudo mais
é mais do que era

quando eu sabia
menos embora
se comparado
a quanto ainda

há pra saber
tudo que sei
é que mais nada
é o que parece.



PÓ AO PÓ

Decerto não por nada
de singular, que importe
aos outros, talvez só
por puro acaso ou sorte,

é que ainda estou aqui
no mundo sublunar
e, nem sei mais por quê,
me aplico a alinhar

palavras, não buscando
sentido, antes a fim
de às vezes, fugazmente,
dar forma ou algo assim

ao truísmo redundante
de que serei em breve
pó que escrevia sobre
ser pó que ainda escreve.

ALZHEIMER

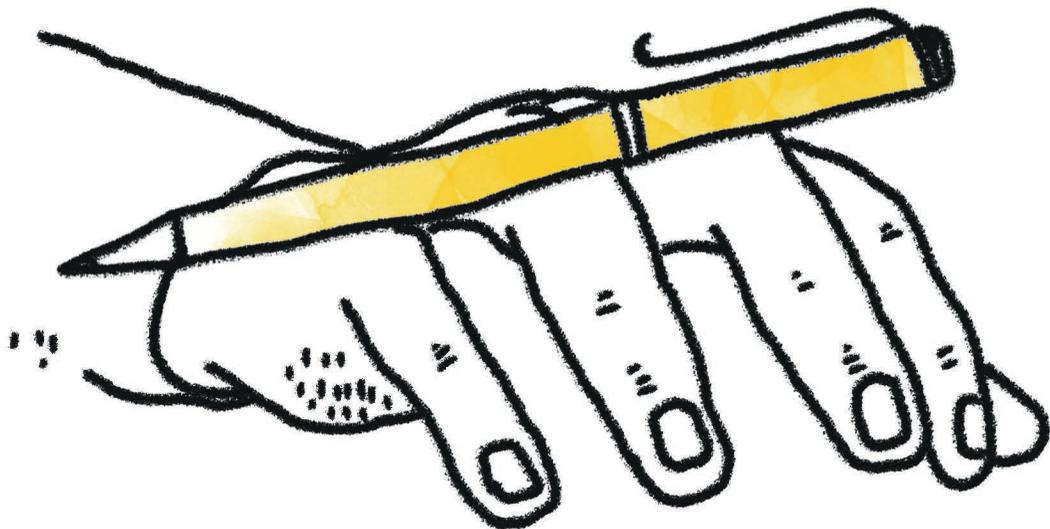
Malgrado nossa
memória estar
quem lembra desde
quando já quase

toda ocupada
por tudo ou mais
que a gente não
só não sabia

que não sabia
como tampouco
lembra que faz
tempo esqueceu

ainda há dentro
dela lugar com
folga pra toda
futura amnésia.





CONTRAGOSTO

p/Josep Domènech Ponsatí

Não gosto de escrever
de modo algum não só
não gosto muito como
não gosto nem um pouco

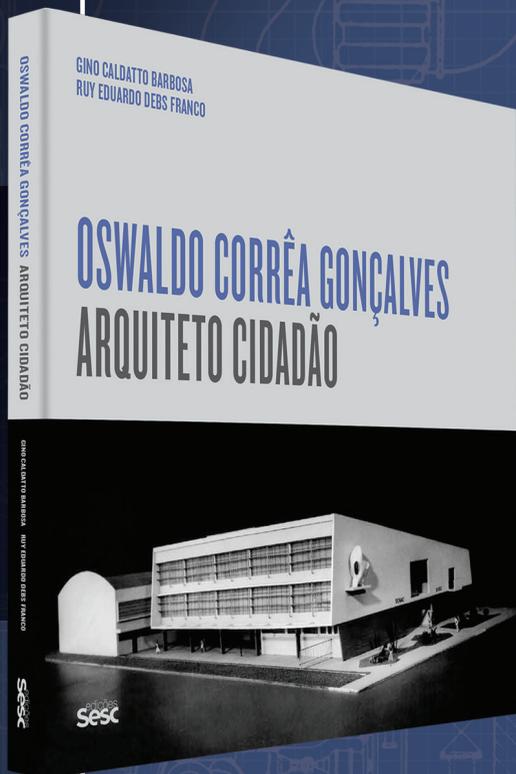
de escrever nada sobre-
tudo não gosto um mínimo
nem de escrever um pouco
nem muito menos muito

sobre o que quer que como
quer que onde quer que quando
quer que quem quer que seja
quer ou não quer porque

não gosto de escrever
a contragosto um mínimo
que seja sobre o que eu
de modo algum não gosto. ■

NELSON ASCHER é poeta, tradutor, crítico literário e já publicou, entre algumas obras, *Ponta da língua* (1983), *O sonho da razão* (Editora 34, 1993), *Algo de Sol* (Editora 34, 1996), *Poesia Alheia: Traduções* (Imago, 1998) e *Parte Alguma: Poesia* (Companhia das Letras, 2005).

OLHARES SOBRE A ARQUITETURA BRASILEIRA



OSWALDO CORRÊA GONÇALVES arquiteto cidadão

Gino Caldato Barbosa e
Ruy Eduardo Debs Franco (org.)

Livro apresenta os vários papéis assumidos por um dos precursores da arquitetura moderna brasileira: professor engajado, intelectual questionador, gestor cultural e um grande ativista em prol da profissão.

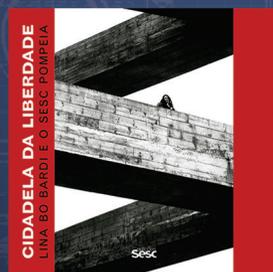


COLEÇÃO ARQUITETOS DA CIDADE: SIAA

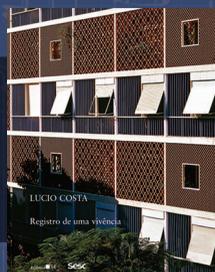
Edições Sesc São Paulo | Editora Escola da Cidade
Francesco Perrotta-Bosch (org.)

Com primeiro livro dedicado a um escritório paulistano, série pretende registrar o trabalho de arquitetos que se destacam no enfrentamento dos desafios inerentes à cidade contemporânea.

VEJA TAMBÉM



CIDADELA DA LIBERDADE
Lina Bo Bardi e o Sesc Pompeia
André Vainer e
Marcelo Ferraz



REGISTRO DE UMA VIVÊNCIA
Edições Sesc
São Paulo |
Editora 34
Lucio Costa



RODRIGO BROTERO LEFÈVRE E A VANGUARDA DA ARQUITETURA NO BRASIL
Miguel Antonio Buzzar



BRASIL ARQUITETURA
Francisco Fanucci e
Marcelo Ferraz, projetos
2005-2020
Edições Sesc São Paulo |
Romano Guerra Editora
Abilio Guerra, Marcos
Grinspum Ferraz e Silvana
Romano Santos (org.)



COLEÇÃO LINA BO BARDI
Marcelo Carvalho Ferraz
(org.)
Solar do Unhão
Casa de Vidro
Museu de Arte de São Paulo
Igreja Espírito Santo do
Cerrado
Sesc Fábrica Pompéia
Teatro Oficina

Visite a loja virtual sescsp.org.br/loja
e conheça o catálogo completo

 /edicoessescsp

edições
Sesc



RUAS NO FEMININO E NO PLURAL

Imagine virar à esquerda e caminhar pela Julieta Bárbara. Ou, quem sabe, margear o rio até chegar à Maria Paula para, então, dobrar à esquerda e encontrar Josefa Júlia da Conceição Ferreira. Como seria uma cidade desenhada por ruas, avenidas, praças e outros logradouros com nomes de mulheres? Poderiam inspirar ainda mais poemas e músicas como *Augusta*, *Angélica* e *Consolação*, de Tom Zé, imortalizada pelo álbum *Todos os Olhos* (1973)? Ou melhor: aprenderíamos outras narrativas sobre os lugares por onde andamos e onde moramos? Quem sabe, histórias protagonizadas por professoras, artistas, médicas, escritoras ou catadoras de papel e de palavras como Carolina Maria de Jesus (1914-1977)? Hoje, no entanto, a cidade de São Paulo é recortada por 84% de vias com nomes de homens, segundo levantamento feito pelo jornal *Folha de S. Paulo* em 2019, a partir de dados do Dicionário de Ruas, serviço da Prefeitura de São Paulo, e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ou seja, por trás da maioria das placas azuis (padronização adotada em 1915), contam-se os feitos de barões, brigadeiros, pintores e escritores. À exceção, pouco mais de 16% trazem nomes e histórias de mulheres. Neste *Almanaque*, são elas que irão nos guiar pela cidade num passeio pelo tempo e pela história.

VOCÊ SABIA?

O **Dicionário de Ruas** foi criado quando o Departamento de Cultura da prefeitura de São Paulo tinha sob gestão o escritor modernista Mário de Andrade, nos anos 1930. Desde então, essa ferramenta de pesquisa que o Arquivo Histórico Municipal de São Paulo disponibiliza na internet vem sendo atualizada. Na página, é possível conhecer o histórico de cerca de 60 mil logradouros públicos, além do histórico dos nomes das ruas da cidade, mapas e fotografias antigas.

DICIONÁRIO DE RUAS

História das Ruas da Cidade de São Paulo

São Paulo

PRIMEIRA DA LINHA

Rua Maria Paula
(Bela Vista, na região Central)

Aberta ao trânsito do público em 1894, esta rua é uma homenagem a d. Maria Paula Machado, avó da baronesa de Limeira. Esta, aliás, foi a primeira rua a ser oficializada com nome de mulher, segundo a base do Dicionário de Ruas. Dois anos antes, havia sido oficializada a rua Cristóvão Colombo, na Sé. Há ainda na família, outros parentes cujos nomes batizaram ruas e avenidas da cidade. Caso dos pais do marido da baronesa de Limeira, Vicente de Souza Queirós, o Barão de Limeira: Brigadeiro Luís Antônio de Souza (Av. Brigadeiro Luís Antônio, Bela Vista) e d. Genebra de Barros Leite (rua Genebra), também no distrito de Bela Vista, na região central da cidade.



Adriana Vichi



Acervo UH/Folhapress

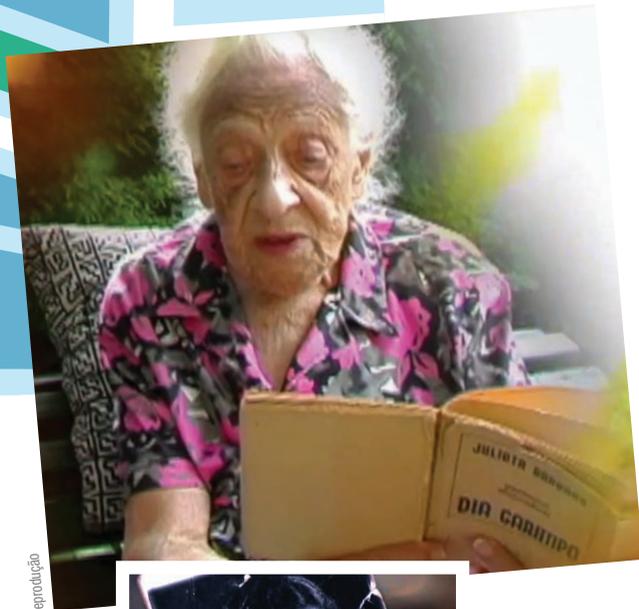


Acervo Instituto Moreira Salles

ESCRITORA DA RESISTÊNCIA

Rua Carolina Maria de Jesus (Sapopemba, na Zona Leste)

De catadora de papel a uma das mais importantes escritoras brasileiras, Carolina Maria de Jesus (1914-1977) nasceu em Sacramento (MG) e se mudou para São Paulo aos 33 anos. Na favela do Canindé, Zona Norte da capital, quando não estava trabalhando, escrevia sobre sua vida e a dos moradores da favela, sobre a cara da fome. Um destes diários deu origem a seu primeiro livro, *Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada*, publicado em 1960, traduzido para mais de 40 idiomas. Carolina também teve outras obras literárias publicadas, além de músicas e poemas. Na exposição **Carolina Maria de Jesus - Um Brasil para os Brasileiros**, em cartaz até 27/03 no Instituto Moreira Salles (IMS) de São Paulo, é possível conhecer a trajetória dessa multiartista.



Reprodução



Reprodução

Documentário
Julieta é Bárbara

POETA MODERNISTA

Rua Julieta Bárbara

(Capão Redondo, na Zona Sul)

Poeta e pintora, Julieta Bárbara Guerrini (1908-2005) foi ao mesmo tempo protagonista e testemunha da efervescente cena cultural brasileira no século 20.

Ainda que conhecida pelo casamento com Oswald de Andrade, a artista não foi devidamente reconhecida pela sua obra. Julieta escreveu um dos poucos livros da fase modernista de autoria feminina, *Dia garimpo* (1939), que em janeiro deste ano ganhou uma nova edição pelas editoras Fósforo e Luna Parque. No documentário *Julieta É Bárbara* (2003), do artista plástico José Roberto Aguilar, em parceria com Pichi Martirani e Lucila Meirelles, é possível conhecer um pouco mais sobre essa artista.

PELA COMUNIDADE

Rua Josefa Júlia da Conceição Ferreira
(Sacomã, na Zona Sul)

Nascida em Paudalho (PE) e moradora de Heliópolis desde a década de 1970,

bairro no distrito de Sacomã, zona Sul de São Paulo, Josefa Júlia da Conceição Ferreira (1956-2006) sempre esteve envolvida em ações pelos direitos dos moradores da região. Entre os cuidados com a filha e o trabalho no comércio, nas horas vagas era conhecida por participar de reuniões, fóruns e outras ações relacionadas à questão da moradia. O reconhecimento de seus méritos pela comunidade foi manifestado por um abaixo-assinado e ofício da Associação Ação Comunitária Nova Heliópolis.



Arquivo da Família

(Fontes: [Dicionário de Ruas](#) e [Folha de S.Paulo](#)).



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM FAZER A CREDENCIAL PLENA DO SESC E TER ACESSO A MUITOS BENEFÍCIOS.

DOCUMENTOS NECESSÁRIOS:

- Funcionários empregados e desempregados:**
 Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 No caso de desempregados, é considerado o prazo de 24 meses da baixa da Carteira Profissional, para fazer e utilizar a Credencial Plena.
- Estagiários:**
 Termo de compromisso ou carteira de trabalho, em que conste o número do CNPJ da empresa
 Declaração de matrícula com situação acadêmica
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 A validade da Credencial corresponde ao período de vigência do contrato de estágio, não ultrapassando dois anos, cessando o direito à renovação após a rescisão.
- Temporários:**
 Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
- Empregado com contrato suspenso temporariamente**
 Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)
 Termo de acordo de Suspensão do Contrato de Trabalho
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
- Aposentados:**
 É o empregado que se aposentou quando trabalhava com registro em carteira profissional, em empresa do comércio de bens, serviços e turismo.
 Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)
 Carta de Concessão da aposentadoria ou Cadastro Nacional de Informações Sociais (CNIS)
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
- Titular falecido:**
 O dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer a Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverá apresentar também a certidão de óbito.
- Dependentes:**
 O titular (trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo), pode incluir seus dependentes. Assim, a família também pode usar o Sesc! Veja a lista abaixo dependentes:
- Filhos, enteados, irmãos, netos e tutelados (até 20 anos):**
 Certidão de nascimento ou documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo

Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela

- Filhos, enteados, irmãos, netos e tutelados (entre 21 e 24 anos):**
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 Comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA)
- Cônjuge:**
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 Certidão de casamento civil ou religioso; declaração de união estável lavrada em cartório ou declaração de união estável de próprio punho, neste caso, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos, além disso, em caso de credenciamento presencial nas unidades, é indispensável a presença do casal no ato do credenciamento.
- Pais e padrastos do titular:**
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular
- Avós:**
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 Documento que comprove o parentesco com o titular

A EMISSÃO DA CREDENCIAL PLENA É GRATUITA E VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O BRASIL

ATENÇÃO

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para atendimento presencial em uma de nossas Unidades, é necessário agendar horário na Central de Atendimento. A entrada nas Unidades do Sesc é realizada mediante apresentação de comprovante de vacina contra Covid-19.

PARA FAZER PELA PRIMEIRA VEZ A CREDENCIAL PLENA OU INCLUIR DEPENDENTES:

É necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento. Faça o agendamento pelo aplicativo Credencial Sesc SP ou site centralrelacionamento.sescsp.org.br, será necessário criar login e senha e utilizar a opção AGENDAMENTO > CENTRAL DE ATENDIMENTO disponível no menu de serviços, compareça no dia e horário marcado com a documentação necessária.

PARA RENOVAR A CREDENCIAL PLENA

Agora é possível fazer a renovação da Credencial Plena de maneira online, acesse o aplicativo Credencial Sesc SP ou site centralrelacionamento.sescsp.org.br para mais informações. Se preferir ir presencialmente em uma de nossas Unidades realizar este serviço, acesse a opção AGENDAMENTO > CENTRAL DE ATENDIMENTO no aplicativo Credencial Sesc SP ou no site, compareça no dia e horário marcado com a documentação necessária.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Arnilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzardin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho

CONSELHO EDITORIAL

Revista E

Adriane da Silva Ribeiro, Aline Ribenboim, Amanda Martins Jacob, Ana Paula Feitosa, Andre Lerro Correa, André de Araujo Nogueira, Andrea de Oliveira Rodrigues, Andreia Dorta Martins Castilho Grande, Angela Tereza Belei, Augusto Barbosa Guimaraes, Barbara Caroline da Silva Ramos de Freitas, Bruna Marcatto da Rocha, Camila Freitas Curaca, Camila Santos Medeiros, Carolina Balza, Cinthya de Rezende Martins, Cristina Fongaro Peres, Daniel Tonus, Danny Abensur, Denise Ramos da Fonseca, Diego da Silva Oliveira, Diego de Paula Lemos, Diego Polezel Zebele, Diogo de Barros Souza, Edmar Rodrigues de Fátima Júnior, Eduardo Santana Freitas, Elmo Sellitti Rangel, Eloá de Paula Cipriano, Everaldo Inácio dos Santos, Fabia Lopez Uccelli dos Santos, Felipe Veiga do Nascimento, Fernanda de Freitas Goncalves, Fernanda Porta Nova Ferreira da Silva, Flavia Lopes Marques, Geraldo Soares Ramos Junior, Igor Cardoso do Prado, Jailton Nascimento Carvalho, Jose Goncalves da Silva Junior, Jucimara Serra, Karla Priscila Vieira Carrero, Kelly Dos Santos, Laudo Bonifacio Junior, Leticia Veras, Lidiane de Jesus, Ligia Azevedo Capuano, Lilian Vieira Ambar, Luciana Alves Dantas, Marcos Ribeiro de Carvalho, Mariana Barbosa Meirelles Ruocco, Mariana Lins Prado, Mariana Silveira Scutti Cangiani, Marina Maria Magalhaes, Marina Ramos Tozoni Reis, Mauricio Trindade da Silva, Monica Calmon Braga Mendonca, Monique Mendonca dos Santos, Paco Sampaio, Patricia Maciel da Silva, Poliana de Moura Queiroz, Rachel D Ipolitto de Oliveira Scire, Rafael Castori de Andrade, Regina Siqueira da Silva, Rejane Pereira Da Silva, Renan Cantuario Pereira, Renan Cesar de Abreu, Renato José Pereira, Ricardo Carrero da Costa, Rosana Elisa Catelli, Rosimeire Vanderlisa Coelho, Rozeli Silva Moreira, Samantha Erika Paes Reis Azambuja, Silvia Cristina Garcia, Soraya Pereira Idehama, Tamara Demuner, Thais Cristina Kruse, Thamiere Andrade Reiss, Vivian Marina Redi Pontin.

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

Editora executiva: Adriana Reis Paulics • **Direção de Arte e diagramação:** Ariane Ramos de Azevedo • **Ilustrações:** Luyse Costa • **Edição de Textos:** Adriana Reis Paulics e Maria Julia Lledo • **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Luna D'Alama e Maria Julia Lledo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis Paulics e Marina Pereira • **Protagonista:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro • **Arte de Anúncios:** José Gonçalves Júnior e Nilton Andrade Bergamini • **Supervisão Gráfica:** Rogério Ianelli • **Finalização:** Ariane Ramos de Azevedo • **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fray • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Adriana Reis Paulics MTB 37.488
 A **Revista E** é uma publicação do **Sesc São Paulo** sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social**.
 Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:

sescsp.org.br

ESCOLHA A INICIATIVA

Completamos dois anos do início da pandemia. Algumas situações parecem se arrastar, outras correm velozmente em franca transformação – e nesse vai e vem de coragens e medos, fico tentando ver o que para em pé, o que se construiu.

Meu ponto de vista é urbano: uma coisa que marcou este tempo foi perceber intensamente o quanto a vida na cidade é pautada pelo consumo. Neste sentido, só foi possível estar isolada, com maior ou menor intensidade, graças ao trabalho de outras pessoas, cidadãos ou cidadãs como eu. Uma segunda constatação é a necessidade de ter tecnologias digitais à mão – e, obviamente, estar conectada à internet.

Entre sentimentos contraditórios, sobressaem a admiração e gratidão. O trabalho presencial de muitos garantiu o *home office* de outros. E como pano de fundo, o empenho de alguns garantiu a vida de tantos! #vivaosus #vacinajá!!

E o que dizer da solidariedade? Muita mobilização por meio dos canais digitais na batalha contra a miséria, levando trabalho voluntário às ruas, ou pessoas a se dedicar a campanhas contra a fome, que se ampliaram à medida que ficava claro que a pandemia, infelizmente, perduraria...

Redes sociais mostraram, por vezes, suas melhores facetas: revelaram-se redes de apoio, de difusão do conhecimento, de luta por engajamento, de estímulo à fruição e ao encantamento. Continuo, neste tempo híbrido, a participar desta lógica de relações coletivas organizada em territórios virtuais. Assisto, consumo, comprometo-me.

Andar pela cidade tomada pela miséria tornou-se uma experiência dolorosa. Entretanto, um teimoso exercício de otimismo me leva a reparar naquilo que foi possível construir: pequenos comércios, novas possibilidades de serviços e produtos.

A inventividade nas produções, a força dos pequenos empreendimentos ganhando espaço nas redes digitais, as urgências que cresceram exponencialmente nesse mundo deslocam ainda mais meu olhar das prateleiras convencionais. Eu consumo, cada vez mais, no comércio do bairro, formal ou informal, muito por ser filha de comerciante e ter vivido esta lógica de economia local. Mas, posso ir além deste território e tomar a iniciativa de me vincular a outras economias locais – por que não? Juntar os sentimentos e, então, fazer minhas escolhas.

Ao pensar no impacto que o consumidor tem a cada escolha que faz, viajo numa campanha, no embalado das hashtags: #valorizeainiciativa. É uma hashtag ficcional. Me pergunto qual seria a adesão a ela hoje. Entendendo por iniciativa o sinônimo de tomada de decisão, mas também uma maneira de se referir a grupos produtivos cuja atuação está comprometida com o bem comum. Há muito a escolher. ■

CRISTINA FONGARO PERES é formada em Educação Física e atualmente é assistente técnica da área da Valorização Social, na Gerência de Educação para a Sustentabilidade e Cidadania do Sesc.



5 DE MARÇO, A PARTIR DAS 22H

CICLO DE FILMES

PROTAGONISMO FEMININO

22H SEREMOS OUVIDAS

DOCUMENTÁRIO - DIREÇÃO: LARISSA NEPOMUCENO

22H15 VAGA CARNE

FICÇÃO - DIREÇÃO: GRACE PASSÔ E RICARDO ALVES

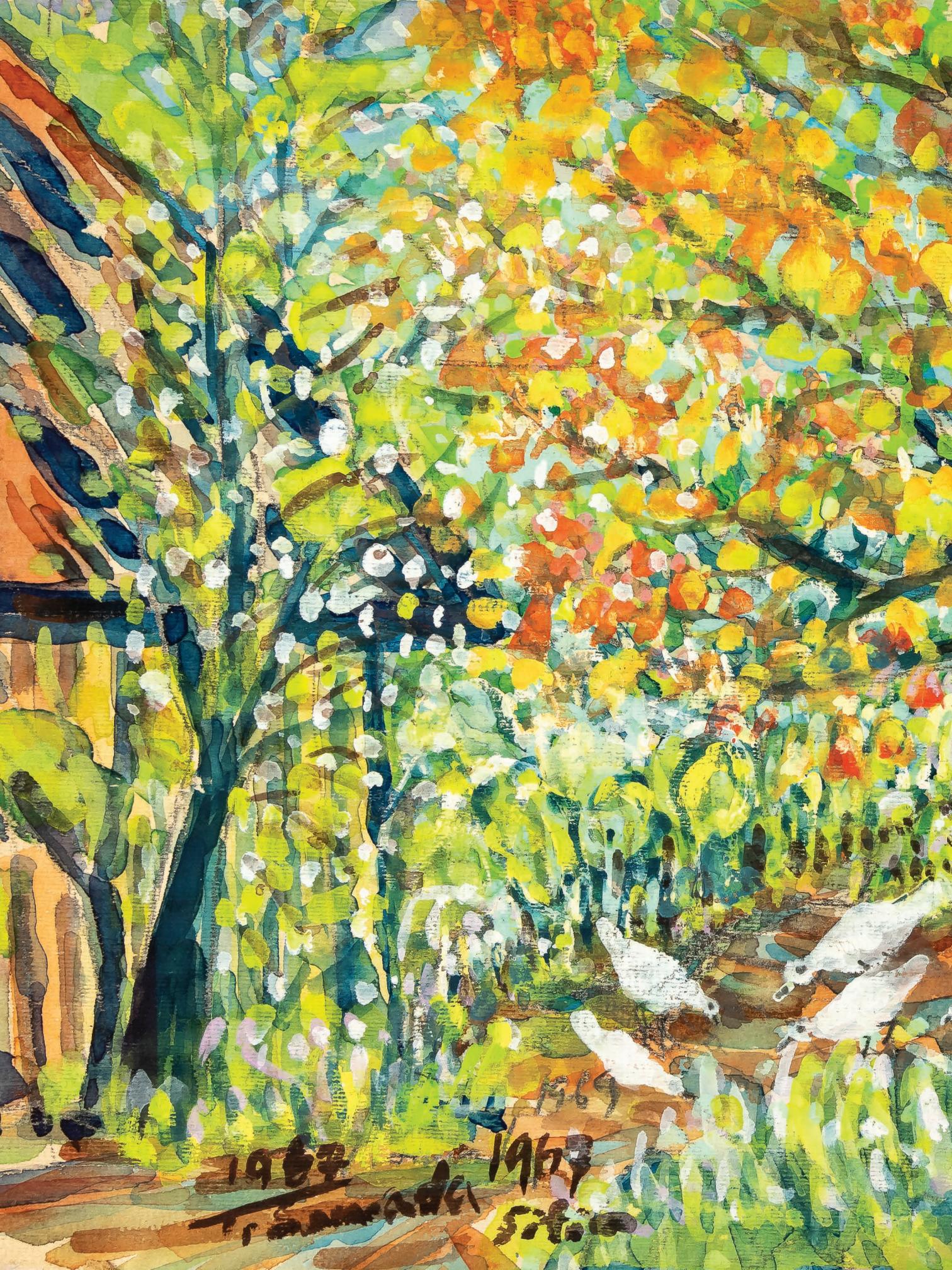
23H YARA BERNETTE, MERGULHADA NA MÚSICA

DOCUMENTÁRIO - DIREÇÃO: LUCILA MEIRELLES

sesctv.org.br/protagonismofeminino

Sesc^{tv}

     /sesctv



1967

1967

S. S. S.